

Marchas Populares de Lisboa



olhares
de lisboa.pt

Director Mário Rodrigues | Edição Junho 2017 | Nº 1 | 1 €

- AJUDA**
- ALCÂNTARA**
- ALFAMA**
- ALTO DO PINA**
- BAIRRO ALTO**
- BELA FLOR / CAMPOLIDE**
- BELÉM**
- BENFICA**
- BICA**
- CAMPO DE OURIQUE**
- CARNIDE**
- CASTELO**
- GRAÇA**
- MADRAGOA**
- MARVILA**
- MERCADOS**
- MOURARIA**
- OLIVAIS**
- PENHA DE FRANÇA**
- SANTA CASA**
- SANTA ENGRÁCIA**
- SÃO VICENTE**
- VOZ DO OPERÁRIO**



A SAGRES QUER-SE COMO A SARDINHA

NESTES SANTOS NINGUÉM NOS PÁRA

Seja responsável. Beba com moderação.



Ninguém lhe dá tanto pedindo tão pouco



**Por 20€ anuais de ajuda à nossa Obra Social, receba o seu cartão de "Amigo do Século".
Utilize-o em mais de 500 estabelecimentos(*) que lhe oferecem descontos e outras vantagens.**

(*) Mais de 500 pessoas (crianças e idosos sobretudo) beneficiam diariamente da sua ajuda.

Veja como aderir em www.amigodoseculo.pt ou contate-nos através do endereço geral@amigodoseculo.pt

Quem é Amigo,



quem é?



O sumo de Lisboa e o sal do bairrismo

O Olhares de Lisboa falou com Carlos Español, especialista em marchas, pedindo-lhe que nos ajudasse a descrever a história desta celebração tão alfacinha

Em 1932 é que tudo começou, mas nessa altura as marchas ainda não eram bem marchas. Eram desfiles de ranchos folclóricos das regiões portuguesas e só em 1934 assumiram um carácter mais marcado de espectáculo de Lisboa, embora sempre com as influências regionais que foram transportadas das várias zonas do país para os bairros da capital onde esses grupos de fora da cidade se instalaram. Podem dividir-se em vários períodos, começando por uma era genericamente associada ao regime do Estado Novo, e caracterizada pelos antigos arquinhos e balões de que os nossos avós ainda se lembram. Na década de 1980, com grandes cenógrafos e dinamizadores como Hélder

Carlos, inicia-se um novo fôlego. E nos anos 1990 começa a era de Carlos Mendonça, por todos reconhecido como grande revolucionador destes desfiles tradicionais. Tiveram nesses anos um grande impulso dado por este figurinista, um dos profissionais e criadores que mais deram a este espectáculo. O Olhares de Lisboa levou a cabo uma longa conversa com Carlos Español, ensaiador de Campo de Ourique e especialista em marchas, pedindo-lhe que nos ajudasse a descrever e relatar a história e natureza desta celebração tão alfacinha portuguesa. A reflexão que aqui lhe apresentamos resulta desse diálogo.

Destaca-se particularmente, no passado, o papel de Hélder Carlos, até porque quando estava à frente da marcha do Castelo, este bairro ganhava quase tudo o que havia para conquistar. Outro nome incontornável, já na década de 1990, é Amadeu Fernando, responsável pela "marcha dos mil anos", ambiciosa e polémica, pelo facto de os arcos andarem sobre rodas. Amadeu Fernando, e o seu trabalho, foram um marco no mundo das marchas, dos musicais, do teatro e da revista. As décadas de 1980 e 1990 destacam-se por terem contido, além de Amadeu, Hélder Carlos e Carlos Mendonça, o mestre José Ramalho (da Madragoa) e José Azevedo – por vezes coincidindo no tempo e "em guerra", em marchas concorrentes. José Azevedo e Carlos Español foram responsáveis, em 1982, pela música e letra do dueto "Vem ter comigo à Mouraria", um momento fortemente marcante, arrecadando o primeiro prémio, com os marchantes masculinos e femininos a desafiar-se mutuamente na canção.

Três décadas depois, uma marcha desenvolve-se consoante o que é pretendido pelos seus coordenadores, e conforme os financiamentos que conseguem obter. A Câmara de Lisboa repôs finalmente os três mil euros de fundos por marcha retirados na legislatura anterior, regressando-se assim aos 30 mil euros. Hoje, os materiais são mais caros, há uma verdadeira indústria das marchas e até lojas especializadas em trabalhar para este espectáculo. As marchas, cada vez mais, representam Lisboa e o país no Mundo. São um evento mundial, que já se coloca a par com o Carnaval brasileiro. Se começa a fazer parte da realidade ter cada vez mais turistas de todo o Planeta interessados em assistir e acompanhar os desfiles, há outro factor que está desde sempre enraizado nestas festividades bairristas. A discórdia.

As marchas e as colectividades, os marchantes e os artistas que trabalham para os desfiles terão quase sempre algo a dizer sobre a justeza, ou falta dela, dos regulamentos e das classificações.

Do outro lado, nomeadamente no próprio júri, há também quem diga que as colectividades criticam, reclamam, mas quase nunca fazem propostas concretas e palpáveis para alterar os regulamentos... Ou que acabam por aceitar as modificações determinadas pela Câmara Municipal de Lisboa e pela EGEAC, mas depois, após os desfiles, têm sempre protestos a fazer.

Dir-se-á que um concurso de marchas sem uma boa discussão, sem umas quantas polémicas, sem certos diálogos muito acesos e alguma gritaria não é um verdadeiro concurso de marchas. Depois, passado algum tempo, já está tudo (mais ou menos) bem.

Sinopse

Olhares de Lisboa.pt, é uma publicação digital e impressa que visa divulgar e acompanhar as melhores práticas de gestão dos territórios, recorrendo para isso aos contributos de entidades oficiais, quer no âmbito governativo, autárquico, empresarial, associativo, desportivo, cultural, turístico e outros que se afigurem relevantes para um maior esclarecimento e usufruto dos cidadãos.

Assim, o compromisso assumido, é o da divulgação dos vários pontos de vista, para que a melhoria de vida dos habitantes da área metropolitana de Lisboa, seja cada vez mais uma realidade.

OlharesdeLisboa.pt, é uma publicação de amplo espectro informativo, que procura reunir uma grande variedade de temas, opiniões e reflexões acerca do quotidiano na sua área de influência, sendo que nos meses de junho dedica a totalidade das suas páginas à grande festa das Marchas de Lisboa.

OlharesdeLisboa.pt, assume-se assim, no mês de junho, como o jornal das marchas onde todos os intervenientes têm o seu espaço de divulgação.

OlharesdeLisboa.pt, reserva-se no direito de deixar publicar unicamente comentários ou referências deixadas pelos leitores, que respeitem a ordem institucionalizada, que não ofendam terceiros ou o público em geral.

Olharesdelisboa.pt, é uma publicação que na vertente impressa, tem 32 páginas, 5000 exemplares de tiragem e distribuição na área metropolitana de Lisboa

Estatuto Editorial

"OlharesdeLisboa.pt" define-se como sendo um jornal de periodicidade diária com edição trimestral impressa, feição regional e informação geral, para dar a devida cobertura dos mais diversificados e relevantes acontecimentos da sua área de influência direta ou, sempre que conveniente, de carácter nacional ou internacional. "OlharesdeLisboa.pt" rege-se, no exercício da sua atividade pelo cumprimento rigoroso das normas éticas e deontológicas do jornalismo.

"OlharesdeLisboa.pt" subordina a sua atuação aos valores do pluralismo democrático e da consequente ordem institucionalizada, preservando a diversidade opinativa, mas reservando-se para exprimir o seu próprio entendimento.

"OlharesdeLisboa.pt" é independente de qualquer poder, seja político, administrativo, económico, social, desportivo, cultural ou que se revista pressão de qualquer outra natureza.

OLHARESDELISBOA.PT

JORNAL DIÁRIO ON LINE - EDIÇÃO TRIMESTRAL IMPRESSA

Proprietário e Editor Avalanche de Sonhos Unipessoal, Lda. · NIF 514355034 · Sede Av. Eng. Arantes de Oliveira, 3 rc 1900-221 Lisboa

Tel 211934140 · Tm 967734378 · avalanchedesonhos@sapo.pt

Diretor Mário Rodrigues · olharesdelisboa@olharesdelisboa.pt · Redação Manuela Ferreira, Maria Miguel Marques (estagiária)

Fotografia Amílcar Teixeira e Abel Cunha · Publicidade e Marketing Marcelo Duarte - Diego Guimarães · Paginação e Arte Gráfica Mário Clemente

Impressão Gráfica Funchalense - Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50 - Morlena - 2715-029 Pêro Pinheiro

Nº de Registo na ERC 126989 · Depósito Legal 426706/17 · Tiragem deste número 7 500 exemplares

www.facebook.com/olharesdelisboa · www.olharesdelisboa.pt



“Em 2016, a nossa marcha e a da Bica foram as mais prejudicadas”

“Às vezes, os elementos do júri dos desfiles da Avenida não assistem a todas as marchas e vão depois avaliar a partir de filmagens”.



Foi presidente do Ginásio Alto do Pina e coordenador da sua marcha até Dezembro de 2016. Pedro Jesus já tinha sido dirigente desportivo em anos anteriores, e, em 2012, trouxe o célebre Carlos Mendonça para o Alto do Pina, com a intenção de devolver a credibilidade a esta marcha, após um período de vários anos que terminou com este bairro quase no fim da tabela. Nesse ano venceram o concurso.

O ex-dirigente enfatiza que era uma questão de justiça histórica, já que o Alto do Pina esteve na génese das marchas de Lisboa, em 1932.

No ano passado, se não tivesse sido o facto do figurinista não ter entregue os materiais a tempo, a marcha “teria vencido o concurso”, diz. A situação, recorda, levou a uma desorientação no Pavilhão Meo Arena e na Avenida.

Houve uma exposição “negativa”, levando a que o foco público fossem “os problemas, em vez do espectáculo”. Destaca o apoio que receberam do Clube Musical União, das marchas de Marvila, Olivais, Alfama, Santa Engrácia, Graça e São Vicente, e de várias instituições.

Comenta que o Alto do Pina e a Bica foram as marchas “mais prejudicadas, de todas as que estavam a trabalhar com o mesmo figurinista, porque ainda faltava fazer muita coisa”.

Descrevendo a forma como o sector funciona, Pedro critica o facto de, com as crescentes exigências do júri, as marchas se terem transformado num meio dominado por um pequeno número de profissionais que trabalham para quase todas e estabelecem um “cartel”, ditando os preços e não deixando alternativas.

Defende que os prestadores de serviços deviam ter a sua documentação tão fiscalizada e escrutinada como as colectividades que organizam as marchas. No seu entender, isso contribuiria para o equilíbrio e transparência.

“Mendonça foi um segundo pai para mim”

“Vestiu os padrinhos e o cavalinho, criou novos arcos, contribuiu para a sua electrificação... Inovou!”

Neto de um funcionário da Emissora Nacional, os pais sempre o ensinaram a reconhecer os artistas de antigamente. Miguel Villa começou a trabalhar no teatro desde cedo, como técnico e como ponto (dizia as falas quando os actores se esqueciam, para que não houvesse falhas).

Nos anos 1990, Carlos Mendonça tinha uma companhia de nome Melodias de Sempre, onde imperavam nomes de peso como Artur Garcia. Em 1994, Miguel soube que precisavam de um ponto e acabou por conseguir preencher esse lugar. Dois anos depois, quando trabalhava no Teatro ABC, disse a Carlos Mendonça que queria participar nas marchas de Alfama. O figurinista mandou-o inscrever-se e submeter-se ao casting, e foi seleccionado. Mas, como era do Bairro Alto, achou que podia não ser bem aceite pela população de Alfama, e desistiu. Luísa Rafael, célebre

“Vi o Carlos Mendonça na véspera da morte”
Na penúltima vez que viu Carlos Mendonça no hospital, Miguel Villa, seu amigo e admirador, com quem trabalhou vários anos, pensou que “ele ia dar a volta”. “Vi-o na véspera da morte, já muito mal. Conheceu-me, abriu os olhos e disse: ‘vai andando, vai andando’. Viu que aquilo era um sofrimento enorme para mim. Só nesse dia percebi que era irremediável”. Dar o nome de Carlos Mendonça à Escola de Marcha de Alfama “é merecido. Alfama deve-lhe muito, todas as homenagens serão poucas”. Mesmo assim, não tem uma opinião definida sobre a ideia de criar uma escola de marcha. “É como o teatro ou o fado. Há pessoas que vão para o Conservatório... Eu não fui. Acho que cantar, representar ou marchar não se aprende, nasce connosco”. Se for para pessoas que gostam e se querem aperfeiçoar, “acho bem. Se for para criar marchantes, não”.

“Metade do que está a ser dito é mentira”

“Para apanhar figurinistas e cenógrafos, os responsáveis das marchas prometem o que não podem cumprir. Tranches de pagamentos que depois não chegam”.

Apontando a falta de divulgação das marchas a nível local e nacional, bem como o facto de o espectáculo não ser suficientemente aproveitado e explorado, lembra os anos 1980, em que havia, além dos desfiles no pavilhão e na avenida, uma finalíssima no Terreiro do Paço. “Porque não voltar a fazer isso?”. Também acredita que, em vez de ser uma empresa municipal a organizar e divulgar o evento, poderia ser positivo que esse trabalho fosse feito pelo pelouro municipal da cultura, ou pelo Turismo de Lisboa.

Como outros responsáveis das marchas, considera que as colectividades deviam estar representadas no júri – mas com direito a voto.

Considera que, “por vezes, os elementos do júri dos desfiles da Avenida não assistem a todas as marchas e vão depois avaliar a partir de filmagens”, o que explica algumas dúvidas e incoerências levantadas a propósito das classificações.

Se as colectividades estivessem correctamente representadas, “isso podia ser evitado”. A Câmara de Lisboa devia, na sua opinião, olhar de outra forma para as colectividades, que sacrificam tudo por este espectáculo da cidade, quando, “às vezes, nem têm condições para estara abertas”.

“Há quem cobre 19 mil euros por um figurino”
Há um preço justo para as marchas, declara Pedro Jesus, presidente do Ginásio Alto do Pina e coordenador da sua marcha até Dezembro de 2016. É o subsídio atribuído pela Câmara de Lisboa. O problema é que esse valor, de 27 mil euros, “não cobre tudo”. Há o pagamento do pavilhão para os ensaios, a alimentação dos marchantes no dia do desfile, os ensaios do cavalinho... As juntas de freguesia também apoiam, “mas não são obrigadas a isso”. E há quem cobre 17 mil a 19 mil euros por um figurino, antes ainda de apresentar o projecto.

atriz e ensaiadora de São Vicente, convidou-o para ir na sua marcha. “Foi uma experiência muito engraçada, fui muito bem tratado e acarinhado”, recorda. Gostou tanto que, apesar do convite para voltar no ano seguinte, não quis: Teve medo de estragar a boa impressão com que tinha ficado. Em 2013, Carlos Mendonça, com quem já trabalhara vários anos no teatro, perguntou-lhe se queria ir com ele uns dias a Macau, acompanhar e apadrinhar a marcha do Alto do Pina, em substituição de Joaquim Monchique. Teve que interromper a preparação de um espectáculo com José Raposo mas aceitou. “Foi um grande momento que o Carlos me proporcionou. Eu nunca tinha saído de Portugal. Foi um grande sucesso. Nunca fui tão abraçado e fotografado”. Foi nesse ano que marchou por Carlos Mendonça, com o Alto do Pina, na Avenida. Houve um incidente - alguns dos arcos voaram e partiram-se. Quando chegaram à tribuna, alguns dos pagodes chineses já não existiam. Mas não deixou de ser um desfile marcante. Amigo e admirador de Carlos Mendonça, sublinha que ainda viu, no passado, as “marchas de arquinho, velas e balão. Ele inovou, vestiu os padrinhos e o cavalinho, criou novos arcos, contribuiu para a sua electrificação. Em vez de fazer as pessoas desfilar como na tropa, com uns passinhos quaisquer, mudou a coreografia e a cenografia. Depois disso, toda a gente passou a copiá-lo”. Há quem diga que o mestre tinha mau feito. Miguel contrapõe que era exigente. “Ele explicava tudo, as pessoas não punham dúvidas e depois só faziam asneiras... A seguir, gritava e apitava. Alguns não compreendiam. Mas não era duro, não era mau. Exigia. Por isso as suas marchas ganhavam sempre. Nos ensaios não podia haver marchantes com ténis, telemóveis, pastilhas elásticas ou conversas paralelas”. Carlos Mendonça foi como “um segundo pai” para Miguel, que lhe agradece a ida para o teatro e o primeiro impacto marcante no mundo das marchas. Diz que ainda não aceitou a morte do amigo, que nos deixou em Setembro de 2016. “Quando gostamos das pessoas achamos que são eternas”.

“Metade do que está a ser dito é mentira”

“Para apanhar figurinistas e cenógrafos, os responsáveis das marchas prometem o que não podem cumprir. Tranches de pagamentos que depois não chegam”.



Foi perseguido, insultado, ameaçado de morte e obrigado a afastar-se de casa, por razões de segurança. Joaquim Guerreiro corria o risco de andar na rua e ser apelidado de burlão,

por, em 2016, não ter conseguido entregar atempadamente todos os materiais e serviços acordados com as marchas da Bica, Alto do Pina, Lumiar e Boavista. O seu local de trabalho foi atacado e assaltado: Quando lá regressou, revela, “não tinha nada”. O figurinista mostrou ao Olhares de Lisboa

documentos legais que o ilibam de acusações de burla, e garante que este foi o pior momento da sua vida em vários anos de trabalho nas marchas de Lisboa. Sublinha ser o profissional com mais prémios ganhos nesta área. Em nove anos conquistou “sete prémios de figurino e um segundo lugar”. Aquele que é por muitos considerado o melhor figurinista da actualidade desvenda algumas das dificuldades deste sector, que levam a que nem sempre os prestadores de serviço como ele consigam facilmente cumprir os prazos estabelecidos.

“É muito difícil ter dinheiro para avançar com os trabalhos. Para conseguir apanhar determinados figurinistas e cenógrafos, os responsáveis das marchas prometem coisas que não conseguem cumprir. Garantem tranches de pagamentos que depois não chegam”.

Assim, “nós criamos estruturas e comprometemo-nos. E estas são coisas de grande responsabilidade, implicam com sentimentos bairristas, por vezes agressivos”. Em várias situações, “tive que avançar eu mesmo com o dinheiro. As colectividades encontram-se quase todas falidas. Recebem o apoio da Câmara Municipal de Lisboa duas semanas antes das marchas, e, nesse período, é impossível terminar os trabalhos”. Sobre as acusações que têm sido feitas, declara que “metade do que está a ser dito é mentira. Algumas das marchas dizem que deram determinados valores, mas não é verdade e não têm forma de comprovar essas acusações. Eu tenho os extractos bancários, com as datas de transferência, todas erradas em relação ao que foi acordado”.

Recorda que “fui sempre colaborando, mas quando precisei de ajuda ninguém me ajudou”. Salaria que o que ficou em falta “não é nada do que dizem ser. Se não cumpri, foi porque as colectividades também não cumpriram”.

Apesar de toda a polémica de 2016, Joaquim Guerreiro volta a ser este ano o figurinista do Alto do Pina. Explica que o contrato deste ano “é igual” ao do ano passado.

O profissional destaca que “dei o máximo de mim às marchas, numa década, e levei muita cacetada. É um trabalho interessante em termos criativos, mas muito ingrato”.

As marchas “falharam todas ao mesmo tempo”
Joaquim Guerreiro está preparado para “sofrer um pouco”com o estigma das acusações de burla. Acusações que algumas marchas fizeram no ano passado ao figurinista. “O meu raciocínio é este: Tenho que mostrar às pessoas que estou cá. No caso do Alto do Pina, ninguém lhes dava as mesmas condições que eu. Para mim, era importante mostrar-me, pedir desculpa às pessoas do bairro pelas dificuldades que houve com a sua marcha”. Explica que não houve lugar a nenhuma compensação financeira, nem para a marcha do Alto do Pina nem para ele próprio, relativamente aos problemas ocorridos em 2016. Mas acrescenta que tinha o projecto da marcha “no coração”. No ano passado, Guerreiro estava a trabalhar com as quatro marchas, na esperança de que os atrasos nos pagamentos de umas fossem compensados pelas outras, conta. O problema é que “todas falharam”. Depois de tudo o que aconteceu, o profissional vai pensar se abandona ou não as marchas a seguir aos desfiles de 2017. “Penso que sim. A não ser que os preços compensem os prejuízos sofridos”. Sublinha que “todo o dinheiro que me é pago é gasto com a marcha. Tenho que pagar despesas, deslocações, refeições, mão de obra, materiais. No fim da marcha não tenho dinheiro. Mesmo que tenha dois ou três mil euros, isso refere-se ao trabalho de três meses”.

Um agregado familiar de cinco marchantes

“Fiquei muito feliz por ser porta-estandarte, foi uma enorme honra. Ficámos em segundo nesse ano, por isso ainda foi melhor”.

Explicar o que é o porta-estandarte de uma marcha pode ser mais difícil do que parece. Falámos com uma ex-ocupante desse lugar na Mouraria, Suse João, que confirmou isso mesmo... Neste bairro específico, esse estatuto tem a ver com o historial do clube organizador, o Grupo Desportivo da Mouraria. Nele, a tarefa é confiada a um marchante antigo, que desfilou muitas vezes e já deixou de o fazer. No caso dela, entrou na marcha em 2002, e mais tarde, em 2005, foi obrigada a fazer uma paragem, por estar grávida. Como não podia desfilr, e toda a gente sabia que estava muito triste com o facto, foi convidada pela direcção e pelo ensaiador para essa missão: “Uma forma de me mimarem”. Sublinha que isso aconteceu ao seu quarto ano de marcha, e não lá para o 10º, ou 20º, como seria normal na Mouraria. “Fiquei muito feliz, foi uma enorme honra. Ficámos em segundo nesse ano, por isso ainda foi melhor. Isso não acontecia há muito tempo, e eu, na idade adulta, nunca vi a marcha ganhar. Essa foi a melhor classificação que vi”. No ano seguinte, voltou a marchar, com o orgulho e a garra de sempre. Considera que a existência das rivalidades entre bairros “é subjetiva. Eu ia acompanhar a marcha quando era pequenina, e nessa altura é que a divisão entre Alfama e a Mouraria era grande. O pavilhão Carlos Lopes ia ao rubro quando se cruzavam”.



O marido de Suse, Bruno Marques, é marchante de Alfama... E os três filhos do casal estão na marcha infantil da Voz do Operário. “Eu e o Bruno conhecemo-nos fora das marchas, vagamente. Após entrarmos nas marchas começámos a namorar”.

No que toca à competição entre bairros, “eu sou mais ferrenha que o Bruno. Fico mais nervosa, levo mais a peito. Esses são dias em que ele já sabe que não pode falar comigo. Nem ele nem os miúdos”.

Bruno, por seu lado, é marchante desde 2012.

É mais novo e tem mais prémios, “e é isso que me irrita”, confidencia Suse entre risos. Ela vive e respira as marchas desde miúda. O irmão foi sempre

marchante, o pai e o resto da família são da Mouraria. Desde sempre, no dia do desfile no pavilhão, habituou-se a ver os participantes entrar no autocarro, correr para o metro a seguir e assistir às marchas de pé, por não haver lugar. Hoje, no Meo Arena, “o espectáculo é muito diferente. Há bairros novos com marchas, marchantes que vêm de outros lugares para a marcha. Gostava mais delas como eram antigamente”.

Bruno contrapõe que, hoje em dia, se arrisca mais. “Antes era sempre tudo na mesma linha. Agora atrevem-se, há outras cores, outros tons, outros temas. Fazem-se coisas antes impensáveis. Mais teatrais, na linha da revista. Isso é que enriquece a marcha”. No entanto, o evento é pouco divulgado na imprensa e na televisão. As pessoas perguntam “quando vamos ao pavilhão. Não sabem quando é, e por isso só lá vão as do bairro. Porque é que a Câmara não faz essa divulgação? Só vão os do bairro mas o Meo Arena tem 18 mil lugares, e o seu aluguer não é barato...”.

Ver o Meo Arena totalmente cheio
<i>“É gratificante ver as nossas claques no Meo Arena, mas seria ainda melhor ver o pavilhão cheio, se as pessoas de fora dos bairros tivessem mais informação sobre os desfiles e fossem vê-los”, afirmam Suse João, marchante e porta-estandarte da Mouraria, e o seu marido, Bruno Marques, que desfila por Alfama. “Pensam que é muito caro, mas não é. São seis euros por um espectáculo de três horas. No teatro de revista pagam 15 euros”. As marchas são vistas como um espectáculo menor, de bairro, e “isso tem a ver com a divulgação, e a forma como é feita”. O próprio Herman José, quando entrevistou participantes de marchas na televisão, “também disse que tinha essa ideia, errada, antes de começar a falar directamente com as marchas. Afinal de contas, há milhares a ver o desfile na Avenida, no dia 12. Dever-se-ia pôr de lado o ‘filtro’ de associar isto ao bairrismo, e olhá-las, pura e simplesmente, como um espectáculo”.</i> <p><i>A hipótese de prolongar e aumentar o serviço de transportes no dia dos desfiles no pavilhão é bem vinda, mas a divulgação junto do grande público parece-lhes mais crucial. Quanto às pessoas do bairro, essas vão, “de qualquer maneira. Há pessoas que só se vêm nessa altura do ano”.</i> <p><i>Os dois marchantes salientam ainda que uma marcha é uma coreografia de 18 minutos, feita por amadores, por homens que levam ao ombro mulheres de 70 quilos, e nada pode falhar. Os profissionais fazem uma coreografia de um minuto, e as bailarinas “pesam 45 quilos”...</i> <p><i>Nesses 18 minutos, “toda a gente espera que falhemos. Ou porque ganhámos no outro ano, ou porque mudámos alguma coisa, ou porque pertencem às claques ruidosas e entusiásticas da marcha rival”.</i> <p><i>O que provoca mais nervos e impacto nos marchantes é o dia do ensaio geral. “Nesse dia, estamos a trabalhar para os do nosso bairro. Não há filtros. Se falhamos, somos ‘comidos’. Mas se corre bem, somos levados ao colo e protegem-nos de tudo”.</i></p></p></p></p>



“Eu sou a miúda do Intendente!”

Nas marchas, deseja é “que todos fiquem bem, que façam boa figura. Sofro por todos, torço por todos, gosto muito das marchas, estou metida nelas desde criança”.

“Eu sou a miúda do Intendente!”, responde Anita Guerreiro, 80 anos, a quem pede que lhe contem a história da sua vida.

Nasceu em frente ao Hospital do Desterro e foi logo poucos anos depois, na escola primária da época de Salazar, que se revelaram os seus talentos. Na época, era obrigatório, para todos os alunos, cantar o hino nacional. Foi por causa disso que se tornou “a vocalista da escola”.

A seguir, começou a cantar – aos sete anos – no Sport Clube do Intendente. Aos 16 era a vedeta dos espectáculos de revista da colectividade. Uma vizinha desafiou-a a ir ao espectáculo O Comboio das seis e meia”, no Politeama.

José Castelo, Marques Vidal e o maestro mandaram-na cantar várias músicas e perguntaram-lhe se gostava de o fazer e se queria mesmo ser atísta, ao que ela respondeu, claro, que “sim”.

“Era para concorrer nas audições da quinta-feira seguinte, mas acabei por me estrear no dia em que era para concorrer”. Logo a seguir, o programa, que era publicitário, teve que encerrar, por ordem governamental, junto com todos os outros do mesmo género.

Havia a hipótese de ir em digressão para o Algarve, só que Anita era jovem e o pai não queria. Tony de Matos e a sua mulher ofereceram-se para tomar conta da menina, e o cantor propôs-se apoiá-la como um segundo pai. “Foi isso mesmo que ele foi”, conta. Mais tarde foi para o teatro Maria Vitória, para a revista Oh Zé Aperta o Laço, com Irene Isidro, António Silva, Teresa Gomes e Barroso Lopes. Ia para cantar, mas ficou também como actriz, fazendo de ardina.

Viveu no Canadá, nos Estados Unidos e em Angola – durante a guerra colonial, actuando regularmente para os soldados portugueses que ali combatiam.

São 60 anos a cantar e a representar, e fica feliz por ser reconhecida pelo Mundo fora e em todas as províncias do país. “Lembram-se das músicas antigas. Eram muito divulgadas, passavam em todos os postos da rádio. Nem podia andar na rua. Quando estreei o Cheira a Lisboa, o público obrigou-me a cantar oito vezes seguidas”.

Agradece a quem segue o seu percurso: “Tratam-me tão bem. Todos os dias, aqui no Faia, onde canto, aparecem famílias portuguesas, ou brasileiras, que chegam ao pé de mim a chorar, porque a mãe ou a avó se lembram sempre das minhas músicas”. Começou a ser madrinha nas marchas em 1954. Interrompeu essa actividade quando viveu em África, mas quando voltou logo retomou.

Mais recentemente foi, durante 11 anos, madrinha da marcha dos Mercados. Quando deixou de ocupar esse lugar ficou triste e magoada. No ano passado, embora já não como madrinha – para sua tristeza – não deixou de estar presente na hora dos desfiles, na Avenida.

Quando passou a marcha dos Mercados, muita gente gritou o seu nome, embora já não fosse madrinha. Curiosamente, Carlos Malato gritou à multidão “Ela está cá, não está é aqui!”. Estava na tribuna presidencial, mas do que gostaria mesmo era de continuar a ser madrinha.

“Se alguma marcha me convidar para ser madrinha eu vou”, afirma, com entusiasmo e alegria. Afinal, antes de ser madrinha dos Mercados, também o foi do Bairro Alto, Graça, Campolide, Campo de Ourique, Lumiar... Até perdeu a conta.

Independentemente de alguém a convidar para ser madrinha, o que deseja é “que todos fiquem bem, que façam boa figura. Eu sofro por todos, torço por todos, gosto muito das marchas, estou metida nelas desde criança”.

Nesses tempos em que era miúda, gostava do seu bairro do Intendente. “Mesmo com

a prostituição que existia, havia respeito entre as pessoas. Nunca vi nenhuma prostituta tratar mal ninguém. Elas acudiam pelas pessoas do bairro quando era preciso”.

Agora, Anita nem vai lá. “A minha travessa, a escola, os cinemas... Está tudo fechado. Eu era uma miúda dali, gostava do bairro”.

Alguém que também tem memórias dessa mesma época é o seu grande amigo Ruy de Carvalho, que quase sempre a acompanhou nas andanças das marchas. Anita tem uma amizade forte “pelo Ruy, pelo filho, pela filha. Por toda a família. É uma família muito querida”.

Não é fácil igualar padrinhos assim, tão prestigiados e tão humanos.

Abriam as inscrições para a Escola de Marcha Carlos Mendonça

Haverá ateliers de costura, maquilhagem, musicalidade, letras, coreografia e cenografia. E uma disciplina sobre a história das marchas, desde a década de 1930.



Acaba de ser apresentada publicamente e já está a receber inscrições. A Escola de Marcha Carlos Mendonça, em Alfama, no Centro Cultural Dr. Magalhães Lima (CCML), não impõe limite de idades, estando aberta a crianças, jovens e adultos e tendo também o objectivo de criar uma marcha sénior, para os mais velhos. Ricardo Dias, Letrista de Alfama e membro do Executivo da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, fez no dia 11 de Março a apresentação pública da escola. O primeiro trimestre vai de 18 de Setembro a 15 de Dezembro. A 8 de Janeiro começa o segundo. A marcha infantil será a dos Alfaminhos e a dos seniores a dos Alfamões.

Haverá ateliers teóricos e práticos de costura, maquilhagem, musicalidade, letras, coreografia e cenografia. Existirá também uma disciplina sobre a história das marchas, desde a década de 1930 até à actualidade, e a criação do Museu da Marcha de Alfama está englobada no mesmo projecto. Os alunos terão uma área de estudos de museologia e a possibilidade de assistir à elaboração do espólio. Elementos de todas as marchas participam na criação desta escola. Mário Rocha, Ricardo Dias e Carla Rocha serão alguns dos professores com que contará. Uma das inspirações da Escola Carlos Mendonça é, precisamente, uma das suas frases: “Leitão de Barros criou as marchas de Lisboa. Mais tarde fui eu que as vim inovar”. Inovar é, também a intenção do CCML, e da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, o que esperam conseguir com este projecto.



Festas de Lisboa

Apesar das polémicas e críticas pouco deverá mudar nas Marchas de 2018, segundo a EGEAC

O “Olhares de Lisboa” quis ouvir a opinião da Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural de Lisboa (EGEAC), sobre as muitas polémicas e críticas que este ano rodeiam as Marchas de Lisboa. As respostas são pouco animadoras, baseiam-se nos regulamentos, augurando que, no próximo ano, pouco ou nada mudará nos desfiles populares.

OLHARES DE LISBOA - Todos os anos, marchantes de 20 coletividades realizam, durante vários meses, dezenas e dezenas de ensaios que culminam apenas em duas apresentações públicas, o que pode ser desmoralizador. O aumento anual dos desfiles não poderia também fidelizar a presença e continuidade dos marchantes?

EGEAC - As duas exposições de cada marcha, no MEO Arena e na Avenida da Liberdade, obedecem às regras do regulamento do concurso e, por isso, não podem ser alteradas. De resto, temos a convicção de que o aumento do número de exposições significaria um esforço acrescido para os marchantes que, todos os anos, abdicam da sua pouca disponibilidade, dia a dia, para participarem nesta iniciativa.

OL - Será possível prolongar no tempo as exposições, recorrendo a parcerias com outros municípios de Portugal e limítrofes, permitindo assim “saídas” de todas as marchas classificadas nesse ano?

EGEAC - Isso já acontece, em parte, através desta empresa municipal e, principalmente, dos próprios municípios que regularmente, após as Festas de Lisboa, convidam uma marcha para actuar na sua cidade.

OL - Outra das questões levantadas é a necessidade de um maior investimento na divulgação das exposições no Meo Arena, uma vez que há queixas de que o público presente é apenas o dos bairros participantes, sentindo-se a falta de outros públicos e do entusiasmo sentido na Avenida da Liberdade.

EGEAC - A divulgação das Marchas Populares na imprensa está integrada na das Festas de Lisboa, acontecimento anual, sempre muito mediaticizado. De resto, as Marchas são referenciadas como um dos pontos altos das Festas, sendo sempre alvo de uma grande cobertura noticiosa, quer dos meios de comunicação locais, quer nacionais, incluindo televisões. Contudo, estas exposições não são comparáveis ao desfile na noite de Santo António, o dia por excelência de todos os festejos pelas ruas da cidade.

OL - Se os tempos de exposição forem ultrapassados as marchas são penalizadas, o que é muito criticado. Pondera a EGEAC, exibir publicamente o cronómetro, durante os desfiles e avaliação?

EGEAC - Os tempos de exposições estipulados constam do regulamento e são, naturalmente, iguais para cada marcha a concurso. São sempre verificados pelos cronometristas da organização. Quando se registam contestações, cada caso tem sido avaliado e respondido em conformidade com as condições do regulamento.

OL – A localização do corpo de jurados tem sido também criticada mas a EGEAC parece pretender defender o júri, nomeadamente de agressões físicas. Contudo o presidente do júri defende essa visibilidade, em nome da transparência. A EGEAC admite proceder a alguma alteração nesse sentido?

EGEAC - A perspectiva do Sr. Presidente do júri que referem não nos foi transmitida. Logo, aquilo que podemos dizer sobre o assunto é que, a haver alguma solicitação neste sentido, poderemos eventualmente reequacionar o posicionamento dos jurados, de acordo com as áreas disponíveis.



OL – As colectividades carecem de meios financeiros para, durante vários meses, prepararem as marchas. No entanto, os subsídios às coletividades só chegaram em Maio. Tendo em conta, que as marchas populares são em Junho, o que impede que essas mesmas verbas cheguem mais cedo, ou pelo menos, sejam pagas em prestações? Isto levanta também outra questão: a hipótese de se estarem a criar constrangimentos a algumas colectividades, pondo em causa os critérios de igualdade?

EGEAC - Estas questões devem ser colocadas à Câmara Municipal de Lisboa.

OL – A qualidade e os bons profissionais custam caro, os custos de alguns figurinos podem ascender aos 19 mil euros e, esses mesmos figurinistas, por vezes até com pseudónimos, trabalham para mais de uma marcha. Que mecanismos tem a organização para evitar situações semelhantes com as ocorridas em 2016?

EGEAC - Os figurinistas são contratados por cada uma das associações/ coletividades, que têm total liberdade de escolha, pelo que essa matéria é da sua exclusiva responsabilidade.

OL – As classificações e permanências nas Marchas de Lisboa têm sido ultimamente alvo de grande polémica. Uns defendem que os bairros históricos não se deveriam sujeitar às regras do concurso e ter assegurada presença nas marchas sem necessidade de sorteio. Outros, entendem que não deveriam ser atribuídas classificações, sagrando-se todos (as) vencedores (as) junto do seu público.

EGEAC - Por uma questão de igualdade de oportunidades, os critérios têm obrigatoriamente que ser iguais para todos. Trata-se de um concurso que deve obedecer às normas regulamentadas. Caso contrário, as marchas seriam apenas um espetáculo.

OL – Um outro desejo, amiúde referido com emoção, é o do regresso da Finalíssima no Terreiro do Paço. O que pensam dessa hipótese?

EGEAC - Não está nada previsto nesse sentido

OL - No próximo ano, que alterações vai o novo regulamento, introduzir nas Marchas Populares?

EGEAC - O novo regulamento do Concurso das Marchas já foi publicado, podendo ser consultado no boletim municipal da CML n.º 1201, de 23 de fevereiro de 2017.

A SAGRES QUER-SE COMO A SARDINHA
NESTES SANTOS NINGUÉM NOS PÁRA

Seja responsável. Beba com moderação.



“O júri não é pressionável. Eu seria o primeiro a denunciá-lo”.

“A Câmara e a EGEAC escolhem sempre os melhores em cada área, para julgarem essas mesmas categorias. A letra, a música, o figurino, a cenografia...”.

São muitas as críticas das colectividades ao regulamento das marchas, mas são as próprias colectividades que definem e aprovam esse mesmo regulamento, diz-nos Pedro Franco, o presidente da Associação de Colectividades do Concelho de Lisboa e do júri dos desfiles.

O regulamento que vigorará em 2018, resultando desses mesmos contributos dos clubes que organizam as marchas, “não diferirá muito do actual”. No entanto, na primeira quinzena de Setembro haverá uma reunião das colectividades, para serem debatidas e estudadas hipotéticas alterações àquilo que já foi aprovado e publicado em boletim municipal.

Se os organizadores e participantes das marchas mostram nunca estar satisfeitos com as regras, Pedro Franco garante que, nas reuniões, os autores dessas críticas “nunca colocam questões de fundo. Queremos que nos falem dessas questões, que não haja acanhamento nem vergonha. Dizem sempre mal do júri e do regulamento mas nunca apresentam propostas concretas”. Muitos dos detractores acusam os elementos dos júris de não serem entendidos na matéria... “A Câmara e a EGEAC escolhem sempre os melhores em cada área, para julgarem essas mesmas categorias. A letra, a música, o figurino, a cenografia, todas as áreas...”.

Outro clássico das acusações aos júris são os favoritismos, beneficiando sempre os mesmos bairros históricos. “Nunca vi, nestes anos todos,

que votassem sempre nos mesmos. Os elementos do júri nunca foram pressionados, e a EGEAC nunca exerceu quaisquer pressões. Eu seria o primeiro a denunciá-lo. Estou presente em representação das colectividades, e para garantir que as coisas correm bem”.

Os elementos do júri são “os únicos” que estão com atenção total durante os desfiles, e por isso é que algumas marchas, às vezes, não percebem porque ficaram em último. Há determinados pormenores de execução técnica, “aprovados e decididos pelas colectividades”, que fazem a diferença e determinam uma desclassificação ou uma derrota.

Se as críticas dos marchantes não se ficam por aqui, são também algumas as queixas do presidente do júri. No pavilhão e na avenida, os seus elementos “deveriam estar melhor posicionados”.

No pavilhão, estão muito longe dos desfiles. Na Avenida, estão na última fila da bancada VIP, atrás de todas as figuras públicas que vão apoiar os seus bairros. Seja qual for o acerto das diversificadas críticas das colectividades, um dos seus pedidos já foi atendido. A verba atribuída pela Câmara Municipal a cada marcha vai passar dos actuais 27 mil euros aos anteriores 30 mil, embora os clubes tivessem pedido que o novo valor fosse de 35 mil.

Mesmo assim, é uma mudança, e “para já está bem. Não podemos exagerar. Com a passagem do tempo e a evolução da Economia, veremos”.



Afinal como funciona o júri?

As marchas são todas gravadas para que não haja quaisquer dúvidas sobre as classificações.

Pedro Franco, presidente da Associação de Colectividades do Concelho de Lisboa e do júri do concurso, refere que, sempre que há alguma incerteza sobre este ou aquele pormenor, os vídeos dos desfiles são repetidos e analisados à lupa. Há dois anos, isso aconteceu com 11 bairros. “Não foi por acaso que saímos quase às nove da manhã”.

Além do presidente, do representante da EGEAC e dos seis especialistas, os melhores de cada área (nomeadamente letras, música, coreografia, cenografia...), existem quatro apontadores, que, no terreno, anotam aspectos técnicos e específicos de cada um dos desfiles, contabilizados depois nas classificações.

Verificam os tempos (um segundo a mais conta dez pontos), a roupa dos aguadeiros, o seu número, os adereços (festão, arraial, trono), os arcos, os emblemas das colectividades, o símbolo da cidade, as entradas no recinto (só podem entrar os padrinhos e as mascotes)...

Os exemplos são muitos. Como o de uma marcha que fez uma magnífica pirâmide humana e gostaria de ter ficado melhor classificada. Mas os marchantes não são bailarinos profissionais na mais perfeita das formas físicas de atletas de competição, a Avenida não é direita...

Se o júri da coreografia é o melhor profissional da sua área, claro que classificará rigorosamente todos os detalhes que falharem. Se o júri é composto pelos melhores profissionais do seu campo, pede-se, igualmente, o máximo de “rigor e perfeição” aos marchantes.

Pedro Franco recorda com saudade a exigência, a disciplina e o brio de Carlos Mendonça, que, “se pegasse na pior das marchas de Lisboa, punha-a em primeiro lugar”. O mestre das marchas nunca deixaria ninguém ensaiar ou desfilar sem ser rigorosamente pontual e estar totalmente e absolutamente sóbrio, afirma o presidente do júri. E considera que todos os dirigentes das marchas deveriam fazer exactamente o mesmo, o que nem sempre acontece, declara.

Novo regulamento discutido pelas colectividades em Setembro

O júri das marchas não deve andar escondido, pede o seu presidente, Pedro Franco

O dirigente da Associação de Colectividades do Concelho de Lisboa sente que a Câmara de Lisboa tem receio de expor os elementos do júri, e não concorda com tal atitude.

“Percebo, respeito e agradeço que nos queiram proteger de alguma atitude mais antipática, mas não há quaisquer razões para ter medo. E os júris dos concursos de televisão, não são totalmente mostrados a toda a gente?”.

Enquanto representante das colectividades no júri, o responsável sublinha que não está para prejudicá-las, mas para “defendê-las e promovê-las”.

A noite em que Pedro Franco não dormiu

Quando tomou posse à frente da associação que reúne as colectividades lisboetas, Pedro Franco foi convocado no dia seguinte para uma reunião, durante a qual soube que era o novo presidente do júri das marchas.

Não dormiu, porque passou a noite a ler o regulamento, que sabe de cor de uma ponta à outra. Quando se mete nalguma coisa, leva as tarefas a sério e condu-las a bom porto o melhor que sabe e consegue.

Agora, ainda está a estudar a fundo o regulamento que vigorará em 2018, pelo que não se alarga nas opiniões sobre ele. Quanto à hipótese de cada freguesia só poder ter uma marcha, e surgir no horizonte a possibilidade da fusão entre marchas de bairros historicamente rivais, apenas diz que esta regra foi pensada “mais para as novas marchas que possam surgir, do que para as antigas”, que deverão manter-se. Até porque essas fusões “davam uma grande guerra”. Quanto à hipótese de as marchas perdedoras ficarem cinco ou seis anos fora do concurso, também não vai longe nas considerações.

Só acrescenta que as colectividades têm que voltar a ser ouvidas sobre todas essas alterações, o que acontecerá numa reunião em Setembro. Espera-se que esse encontro ainda produza efeitos “para 2018, ou, na pior das hipóteses, 2019”.



GRÁFICA DIGITAL ARP



Brochuras • Panfletos • Revistas • Livros • Design Gráfico
Sinalética • Placas publicitárias • Roll ups • X-Banners
Impressão em Tela, Vinil, Lona • Cartões de Visita
Acabamentos • Encadernação • etc

Rua dos Anjos, 17B - Lisboa - @graficadigitalarp - Tel 21 409 5139
graficadigitalarp@gmail.com
<http://www.graficadigitalarp.wix.com/graficadigitalarp>

As Marchas Populares – desfilaram no MEO Arena entre 2 e 4 e Junho e voltam a desfilar a 12 de Junho, na Avenida da Liberdade – contam, este ano, com uma estreante, a Santa Casa da Misericórdia, que se apresentou muito animada e vestida a rigor, sempre com um toque de classe e movimentos muito cordiais.



Organizada pela Santa Casa da Misericórdia
Tema 2017: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa - Por Boas Causas, Sempre!
Padrinhos: Ricardo Carriço e Maria Botelho Moniz
Ensaaiador: Paulo Jesus



“Temos algo que nunca foi feito até hoje”

“O objectivo é ficar nos cinco primeiros lugares. Temos um tema muito giro, muito forte”.



Faz 104 anos no dia 20 de Setembro. E desde 1934 que o Ajuda Clube, actualmente presidido por Adolfo Barão, tem a seu cargo a marcha da Ajuda.

O presidente entrou no mundo das marchas em 1966, com seis anos, como mascote da Madragoa. Depois foi mascote e marchante de Alcântara, e aos 14 anos foi viver para a Ajuda.

Tornou-se sócio do Ajuda Clube, e, com o tempo, começou a apoiar e acompanhar mais de perto Alberto Castro, a grande figura carismática do clube e da coordenação da sua marcha, entretanto já falecido mas recordado com enorme reverência e saudade pela colectividade que tanto lhe deve.

“O senhor Alberto” ensaiou a marcha durante 20 anos e presidiu ao clube durante boa parte da sua

vida. Adolfo foi marchante e tornou-se dirigente da marcha “por falta de gente”.

A ele, o tempo nunca lhe dá para metade do que quer fazer. Trabalha, dirige o clube e a marcha, dá aulas gratuitas de kickboxing nas suas instalações e ainda coordena outras tantas actividades.

A sua família é feita de marchantes. “Os meus irmãos, a minha mulher, o meu filho, os meus netos, estão todos completamente ligados às marchas”.

Na da Ajuda, “o objectivo é ficar nos cinco primeiros lugares. Não digo ganhar... Este é um bairro pobre. Mas este ano temos um tema muito giro, muito forte”.

A marcha conta com vários segundos e terceiros lugares no seu currículo, embora ainda não tenha vencido. O grande trunfo para 2017 é o tal tema... “Algo que de certeza absoluta nenhuma marcha fez até hoje. Vamos levar coisas materiais, coisas reais. Vamos correr riscos, claro... Lembrem-se que o Jardim Botânico é na Ajuda, e pensem naquilo que lá existe...”.

Apostam num guarda-roupa “muito bom, feito pela melhor costureira do La Féria”. Os dois ensaiadores, Bruno Lucas e Ricardo, um a trabalhar com os homens e outro com as mulheres, prometem dar “tudo por tudo” para levar esta marcha o mais longe possível.

Houve uma mudança de ensaiador, porque não estavam a ser atingidos os objectivos estabelecidos

pela direcção, o que se espera que aconteça este ano.

Para serem atingidos resultados mais equilibrados no concurso, Adolfo Barão acredita que “as pessoas ligadas às marchas deviam poder votar, ter uma palavra a dizer. Não votando nas suas próprias marchas, mas nas outras. Um ensaiador de uma marcha devia poder votar nas outras marchas, embora não na sua”.

Adolfo Barão, como presidente muito activo do Ajuda Clube, sublinha a gratuidade das aulas de kickboxing e ginástica do clube, para miúdos dos seis aos 12 anos. “Tiro-os da rua. Mas o seguro é obrigatório, e a maioria deles não podem pagá-lo. São 45 euros por ano. Dou um período de tolerância e vou sempre pedindo o seguro. Ao fim de algum tempo, sou obrigado a travar esses alunos, porque não podem ter aulas sem seguro”. Além de todos os riscos de treinar sem seguro, se o dirigente o permitisse perderia a sua licença para dar esta formação.

Barão garante ser a sua “a única colectividade que acolhe ciganos – em grande massa. Conheço-os desde miúdos. São impecáveis. Aos poucos, os ciganos estão a reintegrar-se. Eu não tenho razões de queixa nenhuma deles. As regras são iguais para todas as pessoas que vêm cá. Se não se respeitarem entre si e aos outros, têm que ir embora”.



Organizada pela Sociedade de Recreio Ajuda Clube
Tema 2017: Real Jardim Botânico
Padrinhos: Paula Sá e Paulo Vasco
Ensiadores: Bruno Lucas e Ricardo Magalhães

“Posso morrer descansado.

As marchas estão bem entregues”

A reivindicação comum a todas as colectividades já foi ouvida pela EGEAC.

As marchas vão passar a contar com 30 mil euros da Câmara Municipal de Lisboa, em vez dos anteriores 27 mil.

Adolfo Barão, presidente do Ajuda Clube e coordenador da marcha da Ajuda, salienta que “os 27 mil nunca davam para a marcha. Aqui gastamos sempre 29, 30, 32 mil euros. A subida para 30 mil é uma grande ajuda”.

A marcha “não é só pôr as pessoas a desfilar. Há os lanches, os jantares, os transportes, as ofertas e muitas outras despesas extra”.

A imagem de marca desta marcha é fazer sempre diferente e melhor, embora respeitando as tradições, o bairrismo e o legado reverenciado do antigo presidente e coordenador das marchas Alberto Castro.

O grande senhor, referência incontornável para Adolfo Barão, disse-lhe um dia: “Agora já posso morrer descansado, porque sei que as marchas estão bem entregues”.



De Ary dos Santos à geração Instagram

“Um tema que nunca foi feito antes, e uma homenagem às gentes de Lisboa. Acreditamos numa boa classificação”.

Conciliar as tradições e o rigor histórico com a inovação e a diferença tornou-se um hábito na marcha de Alcântara, pelo menos desde 2005.

É o que relata Francisco Ferreira, seu coordenador e tesoureiro da Sociedade Filarmónica Alunos Esperança. Em 2004, o desfile foi uma homenagem ao imortal poeta Ary dos Santos, e daí para a frente “tivemos sempre temáticas muito fortes, como a marcha dos galegos, em 2005, retratando os muitos moradores do bairro naturais da Galiza”.

Em 2006 foi a vez das fragatas do Tejo. Em 2007 entraram os pátios e vilas da cidade, e foi até construída uma chaminé, tão grande que teve que ser cortada em alguns dos desfiles.

Em 2010 Alcântara inspirou-se nos quiosques de Lisboa, e em 2009 na filigrana. Nesse ano “Alfama também o fez, mas foi apenas coincidência”.

Em 2015, para o tema dos carteiros, usaram 12 marcos do correio, seis azuis e seis vermelhos. Os arcos eram as malas dos homens que nos trazem as cartas todos os dias.

No ano passado, a marcha fez um espectáculo que seria muito difícil esquecer. Construiu durante o desfile uma réplica notável da Ponte 25 de Abril, com os ferreiros e as bigornas a trabalhar durante a dança.

“Andámos muito perto do primeiro lugar, mas há sempre algum imprevisto. Ficámos em quarto”. Este ano, continuam a mostrar garra e originalidade.

“Vai ser mais um tema que nunca foi feito antes, e mais uma homenagem às gentes de Lisboa. Estamos empenhados numa boa classificação. Temos uma boa letra e vamos inovar”.

A marcha está também a contar com uma grande fornada de malta jovem, entre os 17 e os 18 anos, com um espírito aguerrido e uma atitude vencedora.

Mas Alcântara tem reparos a fazer ao regulamento, como acontece com muitos dos outros concorrentes. “Tem falhas, e a pior delas é o facto de nem sempre ser cumprido”.

Quanto aos financiamentos, ainda que este ano as marchas já recebam 30 mil euros em vez dos anteriores 27 mil, há queixas.

Organizada pela Sociedade Filarmónica Alunos Esperança

Tema 2017: As Ruas de Uma Cidade São o Espelho do Seu Povo: Cheira Bem, Cheira a Lisboa

Padrinhos: Ana Sofia Cardoso e Pedro Granger
Ensiador: Mário Ferreira



Pedro Granger e Ana Sofia Cardoso

Alcântara mantém a sua equipa na marcha deste ano, com o cenógrafo e coreógrafo Mário Rui Ferreira.

O figurinista é Renato Godinho, a letra e música são de Rui Rocha e os arranjos de Filipe Pereira. A confecção do figurino é de Rui Silva e Filomena Silva.

Ana Sofia Cardoso, e o alegre e descontraído Pedro Granger, são os padrinhos.

Como acontece com algumas outras marchas, também nesta os apoios da Junta de Freguesia são em dinheiro, mas em serviços ou géneros.



A autarquia paga T-shirts para as claques, bilhetes para os espectadores da freguesia, refeições, saídas e deslocações dos marchantes, os seus penteados... A marcha diz à Junta de que apoios precisa, e esta corresponde.



Carla Valério
Formadora Externa
www.carlavalerio.pt



Paulo Louzeiro
915 277 227
plouzeiro@remax.pt



Mauricio Morato
919 318 878
mmorato@remax.pt



Conceição Falcão
969 643 329
ccfalcão@remax.pt



Paulo Cardoso
916 393 493
pj.cardoso@remax.pt

A Equipa que concretiza os seus sonhos!
Para Comprar, Vender ou Arrendar!

The team that realizes your dreams
To Buy, sale or rent!

RE/MAX
CONVICTUS

Licença AMI: 4719



“Não gostamos de morrer na praia”

Os de Alfama “trabalham muito, comeram o pão que o Diabo amassou, conseguiram sobreviver e dar os seus condições que eles próprios nunca tiveram”

“Se não houvesse marcha havia bairro, mas não era o mesmo”, afirmam João Ramos e Mário Rocha, coordenadores da marcha de Alfama, tesoureiro e presidente do Centro Cultural Dr. Magalhães Lima (CCML).

Os habitantes de Alfama “vêm a marcha como fazendo parte do seu ADN. É o seu cartão de identidade, está no seu sangue. A marcha abre portas, entra dentro das casas, aparece na televisão. É um grande espectáculo e uma grande embaixadora da nossa cultura”.

O lema de Alfama é trabalho, trabalho e trabalho, uma expressão do seu esforço e dedicação à marcha. João Ramos considera que, com Mário Rocha à frente do CCML, não há razões para preocupação. E que, se não fosse o contributo histórico da família Rocha, a associação poderia nem existir. Destaca, nela, José Júlio Rocha, que fundou a associação, com o irmão Mário, em 1974.

O trabalho consolidou-se ao longo das décadas, e, no ano passado, Alfama venceu as marchas mais uma vez. “Fomos buscar o título”, comenta, divertido, João Ramos. “Desde 1990, ganhámos cerca de 14 vezes. Quando não ganhamos, ficamos muito perto, mas ficamos tristes. Não gostamos de morrer na praia, é chato. Ficamos a pensar no que teremos falhado. Às vezes perdemos por um ponto... Mas também ganhamos por um ponto”.

A opinião dos dirigentes do CCML sobre os regulamentos das marchas é peculiar. “Há muitos anos, pouámos os arcos no chão e ganhámos. Havia um movimento que dizia que não se podia pousar os arcos. Nós respondemos que nos era igual, que se permitisse ou não pousar. Os regulamentos não dão vitórias. O que dá as vitórias é o trabalho e a honestidade”.

Para o conjunto de quatro ou cinco marchas que lideram as classificações, os 27 mil euros da Câmara Municipal não são suficientes. “São necessários, no

mínimo, 40 mil”. A Junta de Freguesia contribui com seis mil, e depois existem as ajudas dos comerciantes e de pessoas “que se identificam com o projecto”.

A ensaiadora de Alfama é Vanessa Rocha, sobrinha do presidente da associação e filha de José Júlio Rocha. O figurino e a cenografia são de Nuno Lopes, a letra de Ricardo Dias e João Ramos e a música de Carlos Dionísio e João Ramos. Só aí, explica a direcção, poupa-se muito dinheiro: “É a vantagem da prata da casa”.

O problema de Alfama, dizem os responsáveis pelo CCML, “é que as pessoas se foram embora. É um grande drama. É difícil criar eventos para quem não está cá. Dizem que o interior do país está despovoa-

do... Os bairros de Lisboa estão, de certeza. Isso limita-nos a acção”.

Essa acção passa por espectáculos de teatro, noites de fados e outros eventos culturais e desportivos. “Quando conseguirmos dinheiro vamos concluir as instalações, pelas quais pagámos o direito de superfície para 30 anos, renováveis”.

Os dirigentes sublinham que existe muita amizade entre esta e a população, e a associação tem importância para várias gerações: “avós, filhos e netos”. As gentes de Alfama “são do melhor que há! Trabalham muito, comeram o pão que o Diabo amassou, conseguiram sobreviver e dar aos seus condições que eles próprios nunca tiveram”.



Marchar no dia da morte do pai



O pai, José Júlio Rocha, organizou a marcha em 1983 e nos 21 anos seguintes. “Fui criada aqui e esta é a minha segunda casa”, diz Vanessa Rocha, a ensaiadora da marcha de Alfama, sobre o Centro Cultural Dr. Magalhães Lima.

“Desde pequena que sempre acompanhei a marcha. Não tenho memória da de 1983, mas lembro-me perfeitamente da de 1988, e de todas as seguintes”.

Em 1991 já era marchante, missão que desempenhou até 2009. “Depois, o Carlos Mendonça decidiu sair da função de coreógrafo e passou-me a pasta. A comissão e a direcção convidaram-me, em 2010, para ser ensaiadora”.

Carlos deixou Alfama, e, depois disso, Vanessa andou a roer-lhe os calcanhares. Só conseguiu vencê-lo em 2013. Já vai no seu oitavo ano como ensaiadora, contando com quatro primeiros lugares e três segundos.

“A marcha nasce connosco... O Carlos Mendonça ensinou-me todos os pequenos pormenores, e eu absorvia toda a sabedoria dele”.

O pior momento para a Vanessa das Marchas foi quando o seu pai, José Júlio Rocha, morreu, a 12 de Junho de 2006. “Antes de sairmos para a Avenida recebemos a notícia da sua morte. A minha irmã não conseguiu desfilar, mas eu fui. Era o que ele queria. Eu era marchante de primeiro arco, tinha a marcha inteira atrás de mim. Era uma grande responsabilidade. Alfama queria que eu marchasse”.

Vanessa deseja, em 2017, um bom ano a todas as marchas. “Todas merecem, todas lutam, todas trabalham com amor”.

JUNTA DE FREGUESIA
STA. MARIA MAIOR

APOIO

Organizada pelo Centro Cultural Dr. Magalhães Lima
Tema 2017: Não Toquem na Minha Alfama
Padrinhos: Cinha Jardim e João Baião
Ensiadora: Vanessa Rocha



“O projecto deste ano é para ganhar”

“Em 2016 ficámos em terceiro e ganhámos o prémio do melhor figurino, coreografia e musicalidade. Até tivemos mais prémios do que a marcha vencedora”.



A marcha é o bairro e o bairro é a marcha, nas palavras de Marco Campos, presidente do Ginásio Alto do Pina (GAP). O coordenador da marcha acrescenta que nessa altura “tudo pára e é ela que está em primeiro lugar”.

Toda a gente se esforça para que o resultado seja o melhor possível e a marcha ganhe, unindo-se à volta desse objectivo, “que passa de geração em geração”. A humildade, o trabalho e a unidade são os trunfos do bairro, em 2017 como nos outros anos.

Apesar de, em 2016, Joaquim Guerreiro não ter terminado os figurinos e a cenografia a tempo, e isso ter posto em causa a marcha, o resultado “acabou por ser positivo. Ficámos em terceiro lugar e ganhámos o prémio do melhor figurino, coreografia e musicalidade. Até tivemos mais prémios do que a marcha vencedora”.

Este ano, Guerreiro volta a ser responsável pelo figurino, cenografia e letra do Alto do Pina – “por todo o projecto”. As pessoas “têm que parar com essa nuvem negra à volta do Joaquim. Não ninguém que nunca tenha errado. Todos têm direito a uma segunda oportunidade. Ele deu a cara, apresentou-se e quis rectificar a situação. Porque não, se ele é o melhor? Além disso, as situações que não nos matam tornam-nos mais fortes”.

As críticas de Marco vão para outros destinatários. “As marchas são um dos maiores espectáculos do país e do Mundo. A Câmara, e toda a gente, ganham com ele. Por isso, têm que ajudar muito mais as colectividades que as organizam. É necessário muito dinheiro, e às vezes as contas são difíceis de fazer. A verba é pequena e chega muito tarde”.

“Os outros figurinistas são uma mera miragem”

Na marcha deste ano, o Alto do Pina quer atacar o título, segundo Marco Campos, presidente do Ginásio Alto do Pina. Para madrinha foi convidada de novo uma pessoa que veste totalmente, diz, a camisola do bairro.

Filipa Cardoso é “uma excelente madrinha, foi nascida e criada aqui, e participa sempre a pensar na marcha e não na sua própria fama”.

A coreografia é de Jean Paul Bouquieri. O figurinista “é o melhor, o número 1, o Joaquim Guerreiro. Em relação à situação de 2016 [incumprimento do contrato], o passado é passado. Já nos sentámos, falámos e chegámos a acordo. É a solução mais vantajosa para nós. Ele apresentou-nos um projecto de sonho e é o maior da sua área, a seguir ao Carlos Mendonça. Todos os outros são uma mera miragem”.



Os materiais são actualmente muito caros, “os prestadores de serviços aproveitam a situação e sobem os preços. Com os mesmos subsídios, é cada vez mais difícil fazer um bom espectáculo”. Mas o responsável acha que a marcha do Alto do Pina está no bom caminho e tem agora um grande projecto. “Acredito que este ano é mesmo para ganhar. O projecto é muito forte, muito bom”.

Mas o Ginásio do Alto do Pina vive um momento difícil. “As nossas instalações estão numa situação muito má. Estamos num prédio devoluto, com infiltrações por todo o lado. Pode haver uma derrocada e matar alguém. Na semana passada, caiu metade do salão”.

A colectividade tem 105 anos “e qualquer dia fecha, por falta de apoio e de um espaço para a sua sede. Tínhamos um mini-ATL, onde ocupávamos diariamente 20 a 30 crianças. Tivemos que acabar com ele, devido ao risco de o tecto cair sobre elas”.

Apela a que as autarquias e instituições apoiem a colectividade, que “faz falta ao bairro, para ocupar os jovens e para que não andem na rua a fazer o que não devem”.

Mesmo assim, fora do seu espaço, o GAP tem grupos a treinar boxe, kickboxing, musculação e ténis de mesa. Têm duas mesas de Ping Pong... “Uma está estragada, e outra semi-arranjada”. Sem ajuda, “não conseguimos ir longe”.

Sabores da Bahia

ACARAJÉ

ABARÁ

BEIJÚ

É Muito Mais!

Vamos à sua festa

Contacto: 968 752 807

Organizada pelo Ginásio do Alto do Pina
Tema 2017: Lisboa Morena - Corações de Além-mar
Padrinhos: Filipa Cardoso e Ricardo de Sá
Ensiadores: Jean Paul Bucchieri e Adriana Melo



Orgulhosos do passado, querem subir na tabela

A marcha do Bairro Alto assinou uma petição para que fossem repostos os 30 mil euros, o valor anterior ao corte no apoio camarário às marchas.

É responsável pela marcha do Bairro Alto e foi fundado a 1 de Agosto de 1928. O Lisboa Clube Rio de Janeiro é presidido por Vítor Silva, que destaca o grande envolvimento da população local na preparação deste espectáculo.

Nunca conseguiram o primeiro lugar, mas são uma das marchas que participa desde o primeiro ano. 2017 é um ano em que procuram inovar o mais possível, no figurino, na estética e em todos os aspectos.

No ano passado, o trabalho que apresentaram “não correspondeu ao [sexto] lugar que obtivemos, e outras marchas também reconheceram isso”. Este ano, pela sexta vez, Carla Fonseca e Dino Carvalho são os ensaiadores e Paulo Miranda o figurinista, graças a quem obtiveram na marcha anterior o Prémio de Melhor Figurino.

A marcha do Bairro Alto, que, como todas as outras, considerou o apoio camarário de 27 mil euros insuficiente, assinou uma petição para que fossem repostos os 30 mil euros, o valor anterior ao corte nos financiamentos, o que se verificou.

Sem o apoio das Juntas de Freguesia, “as marchas não poderiam acontecer”. Os comerciantes também dão uma ajuda, que é pedida cada vez mais cedo, para que possam iniciar-se os preparativos a tempo.



No entanto a filosofia da direcção do Rio de Janeiro é a de que não precisam da população apenas na altura das marchas, e sim durante todo o ano. É por isso que promovem actividades para os habitantes da freguesia ao longo dos 12 meses.

Mas quando chega a altura das marchas, algumas coisas, acredita, podiam funcionar melhor. “Os elementos do júri talvez não conheçam bem a realidade das marchas. O nosso trabalho, as dificuldades, os problemas que enfrentamos. Quando acontece alguma coisa grave, as marchas preocupam-se umas com as outras. Perguntam umas às outras se precisam de alguma coisa. A rivalidade é só durante o desfile”.

No seu papel de responsável pelo Lisboa Clube Rio de Janeiro, Vítor Silva considera que a cultura é o parente pobre da freguesia. Mesmo assim, diz, a Junta está a fazer o melhor possível para combater isso.

No bairro, a questão que mais preocupa é o alojamento, devido à nova lei do arrendamento, que, como explica, afectou a colectividade e a população. “As pessoas foram espoliadas das suas casas, e nós também, da nossa antiga sede”.

A Câmara Municipal arrendou-lhes um novo espaço, “magnífico, mas que precisa de inúmeras e muito dispendiosas obras de melhoramento”.

A sede foi pensada para acolher as actividades do clube e das muitas entidades com quem estabeleceu parcerias: A marcha, a marcha infantil, a escola de futebol infantil, a preparação da participação na Olissipiada, as aulas de ginástica para séniores e para senhoras, o loga, zumba, kickboxing, artes marciais orientais... Mas também o fornecimento de refeições a pessoas carenciadas, um trabalho que Vítor Silva considera ser extremamente importante.

Um clube com preocupações sociais

Ao participar no projecto Serve The City com a Junta de Freguesia da Misericórdia, Vítor Silva, presidente do Lisboa Clube Rio de Janeiro e coordenador da marcha do Bairro Alto, conheceu uma nova realidade.

Para apoiar as pessoas carenciadas da zona, foi feito um diagnóstico dos problemas sociais da freguesia. Mesmo morando no Bairro Alto, quando foi para o terreno fazer este trabalho “parecia que estava noutra sítio”. Foi ao encontro de pessoas que já não conseguem sair de casa, que estão sozinhas e que precisam de vários tipos de apoio. “Deu-me uma noção muito diferente da população e das situações de risco”.

A colectividade foi, durante duas semanas, o local de acolhimento dos voluntários que participaram no projecto.

As preocupações sociais marcam esta colectividade que nasceu ligada ao ciclismo, resultando da junção da União Ciclista Rio de Janeiro com o Lisboa Club (associação cultural), a 1 de Agosto de 1928.

Tem um passado memorável no boxe, na luta greco-romana, no futebol federado, atletismo e ténis de mesa.

olharesdelisboa.pt



PORTAS LARGAS APOIA A MARCHA DO BAIRRO ALTO

Música ao Vivo
Lisboa - Bairro Alto
Bar Típico

Aberto Segunda a Domingo
21h30 - 02h00

RUA DA ATALAIA 101-102
CP 1200 BAIRRO ALTO
TELM 965 247 615

Portas Largas

Organizada pelo Lisboa Clube Rio de Janeiro
Tema 2017: O Ardina e a Rosinha B.A em B.D
Padrinhos: Sónia Brazão e Flávio Gil
Ensiadores: Carla Fonseca e Dino de Carvalho



“Colectividades deviam estar presentes na votação”

“A felicidade dos marchantes depois de terem desfilado era notória”

O ano de 2016 foi o primeiro em que Lisboa conheceu a marcha de Bela Flor-Campolide, resultante da fusão destas duas marchas, depois de um processo em que as colectividades que as organizavam deixaram de o conseguir fazer.

A Associação Viver Campolide (AVC), que conta com Bruno Louro (presidente) e Catarina Esteves (tesoureira) na direcção, pegou neste desafio com determinação, até porque já antes tinha sido responsável pela marcha de Bela Flor.

A marcha de Campolide nasceu na década de 1950 e não podiam deixá-la morrer. Acabou por se fundir com a de Bela Flor, nascida em 2003... E que já disputou uma finalíssima com Alfama no Terreiro do Paço, e conta com um segundo lugar no seu palmarés.

A AVC esforçou-se empenhadamente por conquistar o apoio e a união das colectividades que antes organizavam estas marchas, e também de toda a população, em torno da ideia de fazer um espectáculo bonito, apelativo e digno da freguesia.

As reacções que têm obtido “são muito positivas. Temos feito por isso. Trabalhámos na sensibilização. Fizemos ensaios itinerantes ao longo de toda a freguesia, que é bastante grande, porque vai do Bairro da Serafina a Campolide. Trata-se de uma iniciativa nunca vista”.

Bruno e Catarina sublinham que esta é uma marcha ambiciosa, que aposta na inovação e na continuidade. “Mantivemos grande parte da equipa. O cenógrafo e figurinista é Hugo Miguel Barros, que já tem um percurso

feito noutras marchas bastante prestigiadas, ao longo de muitos anos”.

Têm tido também um apoio “inigualável” da Junta de Freguesia. A direcção explica-nos que tenta não receber essa ajuda em dinheiro, em transferências bancárias, mas sim no acesso a alguns recursos da autarquia, que são mais importantes para a marcha do que verbas. Transportes de pessoas e adereços, deslocações, espaços para ensaiar...

Da primeira vez que a nova marcha participou no concurso, queria ficar, pelo menos, em décimo lugar. Conseguiram o oitavo. Nos próximos três anos querem estar sempre dentro do top oito. E, depois, continuar a crescer.

Até agora, a reacção dos marchantes foi “muito boa e fizeram um balanço bastante positivo. A sua felicidade depois de terem desfilado era notória”. Sem que tal seja no prazo imediato, querem ganhar, mas claro que “não é fácil chegar ao primeiro lugar”.

A opinião sobre o regulamento do concurso é contida e tranquila. “Para desmistificar algumas questões que às vezes são levantadas, era importante e útil que as colectividades estivessem presentes na noite da decisão final. Sem direito a voto, mas representadas. Para terem um maior conhecimento dos processos, para serem esclarecidas num ou outro aspecto... Seria uma prova dos nove, que, actualmente, não existe”.

A freguesia de Campolide é muito diversificada, com dois grandes bairros, Serafina e Bela Flor. Social,



economica e culturalmente, há grupos e níveis diferenciados.

No primeiro ano em que a associação organizou um arraial tentou espelhar no programa essa diversidade. Cedo perceberam que, mesmo que o público dum arraial seja variado, nessa ocasião o que querem é apenas música popular.

Com uma freguesia com colectividades de passado glorioso e presente difícil, a associação tem tido algumas surpresas. Por exemplo, um grupo de jovens contactou a AVC para participar, representando-a, em torneios de futebol de salão e ténis de mesa organizados na cidade de Lisboa.

A associação foi criada em 2010, com projectos de educação activa e enriquecimento curricular, recorrendo a candidaturas ao programa de inclusão social Escolhas, apoiado por fundo governamentais e comunitários.

O objectivo é que os jovens não estejam na rua e se mantenham ocupados, aprendendo e ganhando algo com isso a nível pessoal. Daqui à realização de actividades para toda a população e todas as faixas etárias, e à organização das marchas, foram apenas alguns passos - e muita determinação.

“Queríamos todas as faixas etárias nas marchas”

Os ensaios itinerantes criados para a marcha de Bela Flor-Campolide pela Associação Viver Campolide, presidida por Bruno Louro e que tem por tesoureira Catarina Esteves, foram um dos seus grandes trunfos de mobilização e divulgação.

“Queríamos chamar todas as faixas etárias a envolver-se com as marchas. Não estávamos à espera que os ensaios itinerantes resultassem tão bem”.

Foram, por exemplo, para o local mais longínquo da freguesia, o Bairro da Serafina... “Chegámos às 22H00, e estávamos preocupados com a hora. No entanto, foi o mais participado de todos!”.

Através do projecto de inclusão social Escolhas, no qual a associação tem participado, conseguiram “pôr os miúdos a fazer uma claque e a construir cartazes de apoio à marcha. Esses materiais feitos por eles foram distribuídos à população, e, no dia do desfile no Meo Arena, as pessoas estavam lá a empunhá-los. E nem eram familiares dos marchantes”.

O entusiasmo passou para o ano seguinte. A organização nota que o número de inscrições cresceu, encontrando-se muito maior do que no ano passado. É o produto de um esforço.

“Fazemos tudo para que os marchantes se sintam reconhecidos no projecto, e para recuperar o envolvimento da população com ela”. Um exemplo: “Pedimos sempre à Junta de Freguesia que compre mais bilhetes para que as pessoas possam assistir aos desfiles”. Ou mais carreiras dos transportes fornecidos a quem vai assistir, para que sejam atingidos todos os pontos da freguesia...

Organizada pela Associação Viver Campolide
Tema 2017: E o Pirata Sou Eu
Padrinhos: Maria Rueff e Herman José
Ensiador: Hugo Miguel Barros



“Será a nossa melhor marcha desde 2009”

“Alfama e Alto do Pina funcionam como um relógio porque têm 22 a 24 pares de marchantes fixos”.

“Pedi ao nosso ensaiador para não ficarmos nos dois últimos lugares, para não termos que ir ao saco e sermos sorteados. Se conseguirmos pôr em prática o projecto, e os fatos e os arcos resultarem, vai ser a nossa melhor marcha desde 2009”, promete José Caroço, presidente do Belém Clube e coordenador da marcha de Belém.

O desfile desta zona tão turística de Lisboa existe há oito anos, pelo que, em comparação com os bairros históricos que ocupam sempre os cinco primeiros lugares, ainda não teve tempo para se afirmar.

Os habitantes mais idosos já não têm condições de saúde para marchar; os mais novos, em muitos casos, não se interessam. A meio de Março, ainda faltavam 13 homens, embora o sector feminino estivesse completo.

O responsável quer formar uma equipa estável, de mais de 40 pessoas, à volta da marcha – o que ainda não conseguiu até agora. “Se Alfama e o Alto do Pina funcionam como um relógio, é porque têm 22 a 24 pares de marchantes fixos, um núcleo muito forte, algo que nós ainda não temos”.

A madrinha deste ano é Vanda Stuart, Telmo Miranda o padrinho e o ensaiador e coreógrafo José Nunes. O figurino é de Ana Maria Marques. José Caroço gosta especialmente “do guarda-roupa das mulheres e dos arcos. Poderemos dar um bom espectáculo”.

O nascimento da marcha, em 2009, aconteceu porque “alguém a queria fazer, e a Junta de Freguesia mandou-os vir falar connosco. Eu, como coordenador, era estreado. O ensaiador só tinha feito marchas infantis. 90% dos marchantes nunca o tinham feito. Entretanto, já aprendemos e percebemos o que resulta e o que não funciona”.

José Caroço, que é juiz de equitação, considera que devia ser possível aos júris da marcha usar meio ponto para diferenciar um concorrente de outro, se sentissem essa necessidade.

Dá o exemplo da área em que trabalha: “Na equitação, se, entre dois juizes, houver mais de dois pontos de diferença, ou os dois entram em consenso ou essas duas notas não contam. Como pode um júri dar 5 e outro dar 15? Viram a mesma coisa? Estão desfasados”.

Se nem tudo é fácil numa marcha que só tem oito anos, numa colectividade com 118, como o Belém Clube, as dificuldades também são muitas. A sua zona não tem um pavilhão desportivo que esteja aberto à população, e o Belenenses não aluga os seus espaços.

A sala de teatro acessível à população geral e mais próxima de Belém é o Teatro a Barraca, em Santos. O cinema menos distante é o Allegro de Alfragide, com os seus preços de mercado elevados. Todas as outras salas de cinema ou teatro foram transformadas e centros comerciais ou outras estruturas.

O sonho de distribuir a cultura

Há um sonho na cabeça de José Caroço, presidente do Belém Clube e coordenador da marcha de Belém. “Quando as futuras instalações do Teatro Camões estiverem completas, gostaríamos de concorrer à sua utilização. E, nesse caso, gostaríamos de levar a cultura erudita aos não eruditos e às pessoas mais idosas”.

Aquelas que, por exemplo, “nunca viram um espectáculo de ópera ou bailado. E que, normalmente, nunca iriam fazê-lo, por não terem possibilidades económicas. A nossa função, enquanto colectividade, não é ganhar dinheiro, mas redistribuir os poucos recursos que temos. Se nós levarmos 360 pessoas a ver um espectáculo naquela sala, por dez euros, se calhar conseguimos convencer a Companhia Nacional de Bailado a vir cá por 3 600 euros”.

Quando ao Centro Cultural de Belém, José Caroço pergunta que percentagem da população “pode pagar espectáculos a 30, 40 ou 50 euros?”.

Sabores da Bahia

- ACARAJÉ
- ABARÁ
- BEIJÚ

É Muito Mais!

Vamos à sua festa
Contacto: 968 752 807

Organizada pelo Belém Clube
Tema 2017: Belém, Encontro de Enamorados
Padrinhos: Wanda Stuart e Telmo Miranda
Ensaiaadores: José Nunes e Sandra Almeida



“É uma coisa do nosso bairro”

“Perdeu-se o sentido tradicional das marchas populares, do arco e do balão, e elas têm-se adaptado a uma nova realidade, mas fica a saudade daquilo que eram”.

Tempos houve em que os marchantes eram capazes de passar um desfile inteiro aos saltos, de mãos nas ancas, pela avenida fora. Algo complicado e doloroso, que dificilmente aconteceria hoje, já que o espírito de sacrifício não é o mesmo que existia na época.

“Perdeu-se o sentido tradicional das marchas populares, do arco e do balão, e elas têm-se adaptado a uma nova realidade, mas fica uma certa saudade daquilo que eram antigamente”, considera Domingos Estanislau, presidente do Clube Futebol Benfica (o Fofó) e coordenador da marcha de Benfica.

Mesmo assim, as marchas, afirma, contêm uma vertente de integração social, cultural e religiosa. Quando um grupo de dezenas de pessoas “está a trabalhar em conjunto durante seis meses, e é obrigado a adaptar-se e funcionar em harmonia, essa integração acontece”.

Há também uma transmissão de factos históricos. No passado, Benfica era uma zona saloia (rural), e os seus habitantes vestiam-se como camponeses que eram. Os lisboetas iam ali passar férias. Algo que não passaria pela cabeça de alguém que não estivesse envolvido nas marchas de Lisboa, mergulhando assim nas suas tradições.

Hoje em dia, a de Benfica conta com um núcleo duro de 15 marchantes, um pilar de sustentação co-

responsável pelo sucesso do espectáculo, assegurando uma filosofia e um comportamento adequados por parte de todos os elementos.

Nos últimos anos, com a sua grande expansão demográfica, Benfica perdeu muitas das características originais. Mesmo assim, assegura o coordenador, a população continua a sentir a marcha como “uma coisa do seu bairro”.

Se é certo que nenhuma marcha fica contente nos anos em que tem classificações mais baixas, Estanislau não critica o júri. Os seus elementos “são qualificados em áreas específicas, como a música, as artes plásticas e outras. Não considero que tenham preferências e beneficiem um ou outro bairro. São pessoas idóneas, capazes e conhecedoras das suas áreas”.

O regulamento “é claro. Quando não é cumprido, dá lugar a penalizações. Os sete itens em avaliação são pontuados, e, mesmo que se tenha a melhor marcação do mundo, há o tempo regulamentar de duração do desfile, a quantidade de aguadeiros e todos os outros aspectos da classificação”.

Beatriz Costa é a eterna madrinha de Benfica. Viveu os seus últimos anos no Hotel Tivoli, e enquanto pôde, acompanhava sempre a sua marcha na Aveni-



da. Era da zona saloia e dizia a toda a gente que a de Benfica era a sua marcha. Também Eusébio foi padrinho deste desfile.

O Clube Futebol Benfica (CFB), que conta hoje com 14 modalidades e classificações destacadas no hóquei, futebol masculino e feminino, é por toda a gente conhecido como o Fofó.

Na década de 1940, ombreava taco a taco com os grandes clubes nacionais. Durante um jogo de hóquei muito disputado, em que venceu o Sport Lisboa e Benfica, trocaram-se provocações.

Alguém chamou lampiões aos do SLB, que responderam apelidando os do CFB como “do Fofó”. O nome acabou por ficar, com o passar dos anos, e tornar-se quase oficial. Perdeu o seu sentido pejorativo inicial e transformou-se numa designação carinhosa, que concorre com a verdadeira, de Clube Futebol Benfica.



“Oh Orelhas! O que é que fizeste às orelhas?!”

Na verdade, até tem relações mais próximas com o Sporting. Mas o Clube Futebol Benfica de Domingos Estanislau está sempre a ser confundido com o Sport Lisboa e Benfica.

Já telefonaram para lá para falar com o benfiquista Jorgre Brito... Estanislau respondeu que não era ali, mas a senhora do outro lado não percebia.

O dirigente acabou por lhe dizer: “A senhora chama-se Maria? Então é minha tia! É que eu tenho uma tia chamada Maria”. Só assim a mulher percebeu que tinha ligado para o sítio errado.

Jogadores e treinadores oferecem-se para este Benfica, confundindo-o com o outro.

Uma adepta, achando que Estanislau era Luís Filipe Vieira, perguntou-lhe: “Olha lá, o que fizeste às orelhas?!”. O dirigente respondeu que, como o jogo era com o Boavista, estava com medo do pessoal do Porto, por isso tinha-se mascarado. “Não sei se acreditou ou não”, comenta, entre risos.

Organizada pelo Clube Futebol de Benfica
Tema 2017: Lisboa Não Abdica do Seu Amor por Benfica
Padrinhos: Carolina Tavares e Gonçalo Câmara Pereira
Ensaiaadores: Sofia Neuparth, Bruno Azevedo e Lyzandra Domingues

“As marchas são um centro de formação”

“Não gastamos um cêntimo a mais do que aquilo que temos e nos é dado. Mas não poupamos um euro dos apoios que nos são oferecidos”.



É presidente do Marítimo Lisboa Clube e ensaiador da Bica. Américo Silva sublinha a importância da marcha que vem do início do século passado e que os moradores, e a colectividade, nunca deixarão morrer. Salienta que esta tradição ajuda a manter os habitantes mais novos afastados de outros caminhos, potencialmente negativos, neste bairro humilde e com dificuldades. É um trabalho “digno, e uma espécie de centro de formação, já que fazemos aqui parte dos adereços usados”.

Américo recorda com saudade um dos seus antecessores, o Manuel Careca, um dos maiores marchantes de sempre. Uma figura carismática que, sem

saber ler nem escrever, inventava e criava tão bem ou melhor do que qualquer outro que tivesse as habilitações formais que ele não possuía.

Nesses tempos, a vida das marchas era tão natural e necessária como comer ou ir à bola. Era o Ai Jesus de toda a gente. E Manuel fazia questão de promover a da Bica e dela falar a todas as pessoas que conhecia e encontrava.

Na boca dele os da Bica eram magníficos e melhores que todos os outros. Nessa época os conflitos das marchas eram mais reais e mais físicos. Abriam-lhe a cabeça com o suporte de um arco e foi parar ao hospital. No dia seguinte já estava a fazer exactamente a mesma coisa.

Terminou como porta-estandarte, lugar mais que honroso e reservado aos mais veteranos, tinha então já os seus 70 anos, na década de 1990. Junto com o Américo do Bairro Alto, eram os dois marchantes mais míticos e antigos de Lisboa.

Décadas depois, em 2016, a Bica ficou com a preparação do seu espectáculo a meio, devido a problemas com Joaquim Guerreiro, que não forneceu atempadamente o serviço contratado.

“Foi injusto e difícil. Fomos desclassificados e não atingimos os nossos objectivos. Quando soubemos que não íamos ter os figurinos e os arcos a tempo já era demasiado tarde para dar a volta à situação”.

Esta situação dramática não os incomodou mais do que a de 2013. “Merecíamos ganhar. Todas as outras marchas nos vieram dar os parabéns no fim, incluindo a vencedora. Fizemos uma pirâmide hu-

mana e um espectáculo fantástico. Ficámos em terceiro. Mas para nós, para os marchantes e a população, ganhámos”.

Na Bica as contas são levadas muito a sério. “Não gastamos um cêntimo a mais do que aquilo que temos e nos é dado. Mas não poupamos um euro dos apoios que nos são oferecidos”.

No bairro faltam actividades físicas e desportivas, bem como a protecção da população mais frágil.

O Marítimo Lisboa Clube tenta promover algumas actividades que ajudem a lutar contra isso, o que é difícil, com todas as despesas de funcionamento da colectividade.

Mas sempre que possível, o clube promove eventos e iniciativas com os jovens e as crianças do bairro.

No que toca à área cultural, “A marcha é a cultura do bairro”, declara Américo Silva. E considera que às pessoas da Bica deviam ser criadas condições legais e económicas para ficarem, e não para serem obrigadas a sair do bairro.

“Peço às marchas que só morram depois de mim!”

De uma coisa nunca se vai esquecer. Em 1998, o filho, Pedro, ainda muito jovem, teve que ficar em casa, após meses a ensaiar na perfeição, porque, no entender dele, ainda não estava totalmente preparado para ser marchante...

Fernando Duarte é o veterano e a figura patriarcal da marcha da Bica há três décadas. “A Marcha é a minha vida”, declara ao Olhares de Lisboa.

“De Abril a Junho, é vivida com a mesma intensidade brutal por todos nós. Faz parte da nossa existência. Não me vejo sem ela ou fora dela. Peço às marchas que só morram depois de mim”, diz, olhos a brilhar entre risos.

Fernando não sabe se fez bem ou mal em deixar o filho de fora em 1998, mas essas eram as decisões difíceis que tinha que tomar na altura em que dirigia a marcha. O mesmo sucedeu também, noutra ocasião, à filha, igualmente miúda ainda.

Ser um mestre das marchas é difícil. Às vezes, para ser justo com os marchantes, até pode correr-se o risco de ser considerado cruel em casa.

Estas memórias, ou as de marchantes que queimaram os braços para salvar arcos do fogo, ficarão com Fernando para sempre.

Organizada pelo Marítimo Lisboa Clube
Tema 2017: *Namoro Malandro*
Padrinhos: *Rita Ribeiro e Tiago Torres da Silva*
Ensaiaadores: *Américo Silva e Pedro Augusto*

Uma marcha para encantar e seduzir

“Os espectadores vão ficar satisfeitos. Teremos muitas raparigas de vinte e tal anos, bonitas e elegantes, com vestidos de dança de salão”.

Esteve parada 14 anos, mas, em 2016, regressou. A marcha de Campo de Ourique, coordenada pelo presidente da Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo (SFAA), Carlos Alberto, tem a sorte de contar com o apoio da sua escola de dança, sem a qual seria tudo muito mais difícil.



A batuta do Rei Dom Carlos

De repente, alguém grita: “Aí vem o Rei! Aí vem o Rei!”.

Em 1907, a banda da Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo era já prestigiada e credenciada, embora os seus recursos não abundassem. Nesse dia, dava um concerto na Avenida da Liberdade, quando se ouviu o tal brado.

O regente da banda manda os músicos perfilar-se e tocar o Hino da Carta Constitucional. O Rei pára, e vê a banda a ser dirigida por uma toska e humilde varinha.

Uma semana depois, a SFAA recebe uma valiosa e real prenda, que ainda conserva. Tem nas suas instalações uma batuta oferecida por Dom Carlos.

A rara e preciosa madeira de ébano, e as incrustações de prata, sobreviveram a um grande incêndio, em 1984, porque estavam na parte de baixo do edifício e foi a de cima que ardeu.

Na altura, os senhores nada colaboraram nas obras, preferindo, segundo o actual presidente da SFAA, Carlos Alberto, que tudo se desmoronasse e a colectividade saísse. Cortaram-lhes a água e a luz, e os Alunos de Apolo fizeram as obras por sua conta.

Receberam uma ordem de despejo e pediram ajuda aos partidos com assento parlamentar. Graças ao vereador comunista Rui Godinho, a Luís Duque, secretário do então presidente da Câmara, Nuno Krus Abecassis – e ao próprio – acabaram por poder ficar nas instalações.

A sede só não foi doada (como prometido) a esta venerável e histórica colectividade de 145 anos, tendo ainda hoje que pagar uma renda de 200 euros, porque nos dias seguintes a presidência da Câmara passou para Jorge Sampaio – e a nova gestão autárquica anulou a promessa de doação feita por Abecassis publicamente, perante centenas de pessoas do bairro, na festa de inauguração...



Os 27 mil euros da Câmara de Lisboa “não dão para nada”. Mas, em compensação, a Junta de Freguesia (que pediu que a marcha voltasse a ser feita) ajuda com 20 mil euros.

A outra diferença é que a SFAA tem uma actividade cultural e de apoio social muito intensa durante todo o ano, pelo que a marcha está bem longe de ser o hipotético balão de oxigénio para mantê-la animada.

Sublinhando que o bairrismo das marchas é coisa exclusiva dos quatro ou cinco bairros que ganham quase sempre, Carlos Alberto acrescenta que, na sua zona, é difícil encontrar marchantes com a motivação adequada. E essa não é a única dificuldade.

Fazendo uma rápida conta de cabeça, refere que as roupas custam cerca de nove mil euros, os sapatos cinco mil, o ensaiador cinco mil, o cavalinho a mesma quantia e os arcos também. E além dessas, ainda há muitas outras despesas que têm que ser pagas.

Este ano, os Alunos de Apolo foram uma das colectividades que assinaram a petição para aumentar o valor concedido pela Câmara de Lisboa às marchas. Depois da ausência de década e meia, a marcha de 2016 parecia um pouco “deslocada. Não estava como



desejávamos. Este ano já estamos a preparar as coisas de outra maneira, para que fique um espectáculo condigno de Campo de Ourique”.

O tema são as danças de salão e os padrinhos Fernando Pereira e Liliana Santos. Na avenida, “os espectadores vão ficar satisfeitos. Teremos muitas raparigas de vinte e tal anos, bonitas e elegantes, com vestidos de dança de salão. Pares de rapazes e raparigas que sabem dançar. Ensaiam a macha em 15 dias, não precisam de dois meses. Sabem o que vão fazer”.

Carlos Alberto sublinha que a marcha dos Alunos de Apolo “foi a primeira, em 1932. Leitão de Barros criou a iniciativa e deu-lhe um cunho oficial, através da exposição do Mundo Português”.

O dirigente considera que as maiores necessidades do seu bairro são as sociais. É por isso que organizam bailes solidários e fornecem diariamente mais de 30 refeições a pessoas carenciadas, maioritariamente idososas.

A vida nos Alunos de Apolo é ocupada e marca pontos na área das preocupações sociais... E, claro, da dança, onde têm 145 anos de prestígio e história.

“Temos agora, por exemplo, um júri nosso nas Filipinas, a julgar um campeonato internacional. E vários pólos nacionais, em Vila Nova de Gaia, Porto, Famalicao...”.

A SFAA conta com 600 alunos e 90 praticantes, e organiza regularmente campeonatos nacionais. Nos bailes sociais que fazem durante a semana, recebem mais de 200 pessoas idosas.

Eles pagam dois euros e meio pelo baile e pela refeição, elas um euro e meio. “É o único dinheiro que têm. Não têm mais nada. Mas naquelas horas esquecem as doenças, os problemas, tudo. Fica tudo lá fora”.

olharesdelisboa.pt

Organizada pela Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo

Tema 2017: *Campo de Ourique, Alunos de Apolo e Dança de Salão*

Padrinhos: *Liliana Santos e Fernando Pereira*
Ensaiaadores: *Carlos Jorge Español e José Carlos Rodrigues*



ROSA DA BICA APOIA A MARCHA DA BICA



Cozinha Portuguesa Um dos melhores grelhados de Lisboa

Aberto de Segunda a Domingo - Menu grupo (Mínimo 6 pessoas)
Ambiente familiar e atendimento personalizado

Naco de Vitela - Bacalhau à Minhota - Caril de Lulas - Sardinhas Assadas e muito mais

Rua dos Mastros, 23 - Lisboa - Telm. 961 833 868 - www.facebook.com/Rosa-Da-Bica



Marcha de Carnide aposta na Feira Popular que criará na Freguesia 600 postos de trabalho

Carnide, onde a Feira Popular de Lisboa e uma zona verde criarão 600 postos de trabalho, fez dela tema da sua marcha, entre críticas a que o envolvimento dos marchantes “já não é a mesma coisa”.

Fátima Monteiro e Pedro Rosa, dois estreantes na Comissão da Marcha de Carnide, consideram o seu desfile “pioneiro na abordagem artística” da Feira Popular.

Garantem que o “trabalho artístico é muito interessante para trabalhar uma marcha”.

Ambos afirmam que há muitos marchantes novos que trazem “o bichinho de como é que vai ser” e, nestes casos, “os mais antigos têm sempre o seu papel para passar o testemunho.”

“Houve uma renovação da marcha”, considera Pedro Rosa, salientando que todos os marchantes se esforçam para corrigir falhas e fazer de cada dia, uma oportunidade melhor.

Na Marcha de Carnide, há pessoas que não são da Freguesia mas nem isso lhes tira a convicção. “Temos marchantes de Sintra, de Setúbal... Todos os dias é uma viagem cansativa mas eles trabalham para fazer valer a pena”.

O tema é “grandioso” mas Fátima Monteiro também sabe que há que ter algum cuidado: “Na minha imaginação pode ser uma coisa mas, na do Pedro Rosa, pode ser outra. Há que haver sempre uma discussão de ideias”.

A Feira Popular, cujos trabalhos de instalação já começaram em Carnide com a demolição de alguns armazéns antigos, para além do parque de diversões deverá ter uma zona verde, numa área de 20 hectares, servida pelo Metro da Pontinha.

Ao apresentar o projecto, o presidente da Câmara de Lisboa, Fernando Medina, descreveu-o como “um modelo novo, diferente e moderno” que deverá criar 600 novos postos de trabalho.

Fátima Monteiro foi marchante durante 25 anos e confessa que sente falta do “calor humano” que se fazia sentir no Pavilhão Carlos Lopes, porque “o Meo Arena não é a mesma coisa”.

Para ela, a envolvimento dos marchantes também já “não é a mesma coisa”.

No seu tempo, os marchantes tinham responsabilidades diferentes: costuravam fatos, construíam arcos... Agora, “há um criativo que faz tudo. Os marchantes só têm de vestir o fato e defender o bairro”.

Organizada pelo TC – Teatro de Carnide Sociedade Dramática

Tema 2017: A Nova Feira Popular
Padrinhos: Carla Chambel e Rui Neto
Ensaíador: José Condeça

Pedro Rocha nunca experimentou entrar no núcleo de marchantes. É actor de teatro, bailarino e acrobata.

Sobre a adesão de muitos ensaiadores bailarinos ao mundo das marchas populares, ele lembra que “há uma grande deficiência de movimentos nas marchas, e essas pessoas podem acrescentar algo novo à nossa tradição”.

Para ele, um bailarino como ensaiador não tem a função de desvirtuar as tradições mas sim de “limpar os movimentos, tornar as coisas mais graciosas e ganhar brilho, porque muitas vezes é o que falta”.

Ambos garantem que a nova equipa funciona bem e que o grupo de marchantes é muito receptivo a novas experiências.

mas nós gastamos mais 20% daquilo que nos dão”, diz Teresa Martins.

Para reunir fundos, “os marchantes vendem rifas, pulseiras... Ajudam e contribuem muito. O Teatro também é uma das nossas ajudas financeiras”, precisa.

Pedro Rocha lembra que, em 2016, a Marcha de Carnide teve um “bom ano” mas, ainda assim, a classificação não foi suficiente para chegar ao pódio.

No entanto, um dos objetivos é “deixar a população e os marchantes orgulhosos, porque no fundo, é isso que nos interessa.” Este ano prometem uma marcha com “muita cor, muita luz e muita irreverência”, confessa Teresa.



“Este ano, fiz um ensaio só com mulheres e outro só com homens e eles foram muito receptivos à ideia e têm feito um ótimo trabalho”, sublinha Pedro Rocha.

Quanto ao regulamento da Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural de Lisboa (EGEAC), enquanto marchante, Fátima Monteiro questiona se “todas as marchas serão avaliadas da mesma forma”.

Já para Teresa Martins, directora do Teatro de Carnide que apoia o desfile, “é difícil agradar a gregos e a troianos” mas considera que a EGEAC “tem sido bastante receptiva em termos de conteúdos e sugestões das colectividades”.

No campo dos custos, a opinião é a mesma para os três: nunca são suficientes: “A Câmara dá 30 mil

A Comissão da Marcha de Carnide é nova. Para Teresa Martins, “estava na altura de dar lugar aos mais novos”. A equipa é dinâmica, as ideias fluem e as perspetivas também “estão elevadas”, adianta.

São pessoas com experiência e com gosto pelas marchas porque “quem gosta disto, gosta mesmo muito”, confessa Pedro Rosa.

Ele e Fátima Monteiro já estiveram na Comissão de Marcha mas o grupo de marchantes era diferente.

“Este ano eles aderem às iniciativas, estão sempre prontos para coisas novas e a equipa é muito boa para trabalhar. E isso dá-nos outro ânimo, outra alegria”, adianta, entusiasmada, Fátima Monteiro.

• **Maria Miguel Marques**



“A nossa marcha chegou a ser apadrinhada por Hermínia Silva”

“Aqui os arcos são feitos artesanalmente por pessoas amadoras, não vêm de um armazém industrial”.



Este “pré-fechado” durante um ano, mas reergueu-se como um pilar importante da comunidade do bairro. O Clube Desportivo do Castelo (CDC), que tem na sua direcção Tânia Correia (Comissão das Marchas), Alexandre Ribeiro (Assembleia e Órgãos Sociais) e Joaquim Duarte (Presidente), foi fundado a 1 de Junho de 1936, sempre esteve presente nas marchas e a sua é uma das mais premiadas e carismáticas. A última vez que saiu foi em 2014.

Em 2015 não se inscreveu, devido a problemas internos da colectividade. Nesse ano inscreveram-se para o seguinte, através de outra colectividade, a Há Castelo, para poderem voltar a participar. Foram sorteados e não saíram.

Este ano, juntou-se um grupo de de pessoas que constitui a actual direcção do GDC, foram a sorteio e foram seleccionados. Tânia sublinha a história do bairro, o facto de se encontrar entre a meia dúzia de pioneiros das marchas e de até ter tido a sua marcha apadrinhada por Hermínia Silva.

Razão pela qual este e outros bairros com a mesma carga histórica “nunca deviam ter que ir a sorteio”. Afinal, são a força das marchas e detêm “90 por cento” dos prémios atribuídos. Sem eles “as marchas não fazem sentido”.

Mas a realidade não está fácil. Estas zonas da cidade desertificam-se e são “evacuadas” da sua população

para dar lugar ao turismo, por isso é “difícil”, dizem, conseguir marchantes para participar. Estes sacrificam muitíssimo para mater a tradição viva, pelo que “deviam ter mais apoio das instituições responsáveis”.

Tânia salienta que as marchas concorrem com os mesmos apoios e o mesmo trabalho, mas as coisas não são iguais em todo o lado. “Aqui os arcos são feitos artesanalmente por pessoas amadoras, não vêm de um armazém industrial”.

Com todo o bairrismo que aqui se respira, as floristas, as varinas e as princesas encarnam em absoluto as suas personagens. Vivem para a noite de Santo António. Em 2017, o maior trunfo que o Castelo tem “é a sua ânsia enorme de regressar, a garra de fazer o melhor possível. De agradecer às pessoas do bairro. Isso é mais importante que qualquer prémio”.

É claro que marchas como o Castelo, Alfama, Madragoa, Marvila, Bica e Alto do Pina entram sempre para ganhar. Têm um currículo a defender. O Castelo, tal como estas concorrentes directas, mesmo quando não ganha destaca-se. “Somos dos cinco mais premiados”, esclarecem. O Castelo ganhou em 1935, 1947, 1982, 1983, 1988 e 2009.

O GDC, além de um passado desportivo memorável, conta com uma escola de futebol de frequência gratuita, em parceria com a Voz do Operário. Tem uma equipa de futebol de salão sénior e inúmeras actividades em parceria com diversas entidades.

Fazem regularmente caminhadas e corridas, actividades que não obriguem à existência de infra-estruturas desportivas, que não têm.

No passado recente, participaram na Semana Europeia dos Desportos, e, devido a essa ausência de estruturas físicas, decidiram apostar nos jogos tradicionais.



Foi um enorme sucesso, com gente de todos os continentes, no mais que turístico Castelo de São Jorge, a saltar à corda, a fazer corridas de sacos e latadas. Tanto que a Câmara quer que passem a organizar essa iniciativa de forma regular. Entre outras actividades, realizam também sessões de cinema e convívio, regularmente, através de parcerias.

O traje de Rui Veloso que foi feito em dois dias

A marcha do Castelo tem um peso histórico forte e apresenta-se de forma digna e arrojada. Quando começou a usar tule e lantejoulas, mais nenhuns o faziam, recorda a direcção do Grupo Desportivo do Castelo: Tânia Correia (Comissão das Marchas), Alexandre Ribeiro (Assembleia e Órgãos Sociais) e Joaquim Duarte (Presidente).

Na altura, a apresentadora televisiva Júlia Pinheiro até comentou que “com um vestido destes também eu desfilava”. Um júri desabafou, então, que “com muito dinheiro se faz uma marcha”. A direcção actual responde: “os materiais que usámos eram mais baratos que chita!”.

Os responsáveis salientam que “não encomendamos marchas em pacote. Somos nós que mandamos na marcha e decidimos o que queremos, em conjunto com os ensaiadores, coreógrafos, músicos e letristas”. Sem pôr em causa a liberdade dos artistas, mas orientando progressivamente o trabalho até ao resultado final.

O padrinho, este ano, é Rogério Charraz, um músico que, como acontece habitualmente com as escolhas do Castelo, tem uma ligação afectiva ao bairro e não lhe é figura estranha.

Um dos padrinhos que se juntou ao Castelo no passado foi Rui Veloso. Não queria ir vestido de marchante, mas quando viu o fato de veludo gostou tanto que mudou de ideias. O seu traje foi feito em dois dias por uma costureira reformada do bairro.

APOIO

JUNTA DE FREGUESIA
STA. MARIA MAIOR

Organizada pelo Grupo Desportivo do Castelo
Tema 2017: Há Festa no Castelo
Padrinhos: Carolina Rodrigues e Rui Vaz
Ensaíadora: Maria João Reis



“Queremos que as pessoas percebam que fazem parte da marcha”

“Apostamos sempre em algo que tenha a ver com as características do bairro. O arquinho, o balão, o manjerico, a alcachofra, a sardinha, tudo aquilo que está associado ao arraial”.



Os partidos ficam na rua

Para Vasco Cruz e Fernando Horácio, Presidente e director do Clube Desportivo da Graça e coordenadores da sua marcha, o que tem assassinado as colectividades é a actual lei do arrendamento, com os aumentos de renda que implica.

Não é esse o caso do CDG, que tem instalações próprias, sede social e espaços desportivos seus. Quem teve a capacidade e visão para assegurar isso foi a geração dirigente anterior à actual, sendo que esta é já a segunda sede do clube.

Nos anos 1960 e 1970, esta era uma colectividade cheia de actividade e reconhecimento a nível cultural e desportivo, tendo sido campeã nacional de ténis de mesa. É a única colectividade da Graça que tem a freguesia no nome, e mantém uma independência rigorosa. A última vez que um responsável público tentou fazer um discurso partidário lá dentro... Teve que se ir embora.

No entanto, o relacionamento com a Junta, a Câmara e a EGECAC é excelente, “principalmente durante o período das marchas.

...dor dedica-se constantemente a rever a história do bairro e a “apostar em algo que tenha a ver com isso, com as características do bairro. O arquinho, o balão, o manjerico, a alcachofra, a sardinha, tudo aquilo que está associado ao arraial”...

A madrinha da Graça, Carla Andriño, já ocupa esse papel há 20 anos. “É a ‘capitã dos jogadores’, sabe muito bem o que é a marcha, o clube, o bairro”. O padrinho, no ano passado, foi Quimbé, que também fez sucesso e mereceu o carinho de toda a gente.

Para os dois dirigentes entrevistados, a vitória não está no centro de tudo. “Queremos participar, fazer boa figura, agradar às pessoas do bairro. E que elas se sintam bem, que percebam que fazem parte da marcha”. Este ano, prometem que vai haver grandes novidades em “tudo”.

O desejo dos marchantes da Graça é obter sempre mais pontos, “mas essa exigência é pacífica e passiva”. Consideram que existe alguma rigidez nas regras de avaliação das marchas, mas esse não é um grande problema. O importante é que se apliquem “todos os anos, a toda a gente, de forma igual, o que nem sempre acontece”.

O dinamismo contagiante de Vasco Cruz e Fernando Horácio começa na marcha e continua nas actividades regulares da colectividade, todos os dias do ano. “Temos uma oferta cultural e desportiva muito vasta, e fazemos o nosso papel ao serviço dos habitantes”.

A escola de futebol de salão é um projecto que tem um ano e conta já com 50 crianças até aos 12 anos inscritas. Há sessões de fado, concertos, artes, escola de música, kravmaga, jiu jitsu, lutas olímpicas, kizomba, zumba, festas de Carnaval – tudo dentro das instalações do clube.

São 300 sócios, nesta colectividade que conseguiu ser imune à crise do sector. A direcção pensa que o trunfo é a adaptação aos tempos actuais, trazendo para o bairro o desporto, a cultura, as actividades lúdicas, o lazer... E atraindo as pessoas, para participarem nelas: “Para que as colectividades não morram”.



Organizada pelo Clube Desportivo da Graça
Tema 2017: Mais Vale Cair em Graça, Que Ser Engraçado
Padrinhos: Carla Andriño e Quimbé
Ensaiaadora: Andreia Lourenço



Manter a Madragoa no topo

“O nosso objectivo é ganhar. Manter vivos o bairrismo e a tradição, fazer a passagem de valores”.



O que não falta é garra a Rui Ferreira e João Meireiros, Presidente e Vice-Presidente do Esperança Atlético Clube, que organiza a marcha da Madragoa, e a toda a direcção da colectividade. Todos participam na marcha desde que se lembram, e não sabem viver sem falarem e se entusiasmarem – ou discutirem saudável e empenhadamente – sobre ela.

O que os move é misturar inovação com tradição, “fazer um trabalho que esteja à altura da Madragoa e mantenha a sua marcha no topo”. É claro que, neste ano no como nos outros, nunca irão fugir ao “factor varinas e pescadores”. Disso estão bem conscientes o ensaiador Bruno Vidal e os padrinhos, Teresa Guilherme e Bruno Cabrerizo.

O actor é morador do bairro, e foi por sua influência que a famosa apresentadora se juntou a esta marcha. São descritos como “um magnífico par, excelentes pessoas. Quisemos tê-los aos dois, um não viria sem o outro e não há razões para separá-los”.

Mas não foi especificamente por serem populares. “Ele queria muito vir para a nossa marcha, nós sabemos e falamos com ele”. O que mais lhes agrada neles é o facto de serem enriquecedores, “graças aos



seus conhecimentos, à-vontade e envolvimento com as pessoas”.

Bruno reside na Madragoa há três anos, joga à bola com os elementos do clube e estava há muito envolvi-

do com o bairro. Em termos técnicos, por outro lado, Rui e João destacam a aposta em Bruno Vidal. “Confiamos no seu profissionalismo, no seu trabalho, nas provas que já deu”. Até já tinha deixado este tipo de actividade, mas a paixão pelas marchas e pelo projecto que lhe mostraram convenceram-no a mudar de ideias.

Para Rui Ferreira, não se pode nunca esquecer a massa que move as marchas, por amor à camisola e sem remuneração: os marchantes. “As pessoas que vão à avenida não vão ver o letrista, o aderécista, os músicos. Esses são pagos e têm a obrigação profissional de fazer o melhor. Os marchantes não são suficientemente valorizados. É preciso mimá-los, tratá-los bem, saber pedir, fazer com que não saiam da marcha”.

Rui Ferreira entrou no mundo das marchas em 1993 e agora está a coordenar a da Madragoa, “onde muita gente, mais velha ou mais recente, quer entrar. Vamos ter que fazer uma selecção”.

Rui foi convidado para a direcção do Esperança e não podia recusar. Via o clube cada vez mais vazio, sem ninguém a entrar, e sentia as páginas da história da colectividade a serem apagadas.

A partir desse convite, liderou o que considera ser um projecto vencedor. Criaram um espaço infantil, graças ao qual os sócios podem vir à sede sem ter que se preocupar com o sítio onde deixar as crianças. Têm uma área de apoio ao estudo, com sócios que ajudam os miúdos nos trabalhos de casa.

Querem, também, estabelecer um protocolo com o Museu da Marioneta, para obter um apoio especializado para algumas das actividades infantis que pretendem realizar.

Organizada pelo Esperança Atlético Clube
Tema 2017: Alma de uma Varina
Padrinhos: Teresa Guilherme e Bruno Cabrerizo
Ensaiaador: Bruno Vidal

Onde os ardinias jogavam à bola

A única colectividade que foi rainha das marchas



É a única colectividade lisboeta a contar com a Taça da Rainha das Marchas, por ter vencido o concurso das marchas, em 1964, 1965 e 1966. E a ter sido presidida pelo Almirante Gago Coutinho, durante a década de 1940.

O Vendedor de Jornais Futebol Clube, na Madragoa, conta com uma pequena prateleira-museu com objectos deste destemido militar que atravessou o Atlântico de hidroavião em 1922.

Foi um ano antes que o VJFC foi criado, a 15 de Fevereiro, para apoiar os ardinias de Lisboa, jovens de vida precária que em muitos casos não tinham onde dormir. Por isso, contou desde cedo com camaratas, para acolhê-los.

Eduardo Fidalgo, secretário da direcção, recorda o passado glorioso do clube, hoje com uma actividade mais reduzida, e explica que actualmente já não organizam marchas, embora ainda mostrem interesse pelos arraiais.

Mas o bichinho da marcha ainda está lá: “A marcha é um sentimento das pessoas, dos bairros. Eram o pulmão da nossa colectividade no passado, nos anos 1940 a 1960”... Os clubes, hoje em dia, “vivem basicamente da carolice dos só-

cios. As pessoas têm muito mais ofertas de lazer na cidade”.

O outro problema é que, nas actividades desportivas, “é tudo muito caro. No futebol, por exemplo, as equipas têm que ser federadas, mas isso custa dinheiro, bem como o equipamento. Antigamente, pegávamos nuns calções e numas sandes e já estava”.

O VJFC conta com centena e meia de sócios, que pagam quotas de 50 cêntimos. Embora não tenham meia dúzia de modalidades permanentes, como acontecia nos anos 1980, têm actividades pontuais e temporárias, que vivem da vontade de quem as protagoniza ou lecciona. Ginástica, teatro, tango...

Esta é já a terceira sede do clube, ao longo destes 96 anos. Com saudades do passado e dos bons tempos das colectividades, o dirigente refere a importância do Almirante Gago Coutinho como sócio e dirigente, e do seu papel na história. Quanto ao pequenino museu do célebre aviador no andar de cima, “provavelmente terá havido aqui mais objectos dele no passado. Mas alguns terão desaparecido, por não terem sido devidamente inventariados”.

O livro que relata e descreve detalhadamente toda a viagem de hidroavião sobre o Atlântico, bem como a sua preparação, é uma peça particularmente valiosa, doada por Gago Coutinho à biblioteca do clube dos ardinias em 1942. Se o juntarmos ao troféu de Rainha das Marchas, teremos provavelmente os dois objectos mais valiosos da colectividade.

“Somos um bairro a abater”

“Queremos mostrar tudo aquilo que esta zona nos deu e deixar os marvilenses felizes.

As marchas são uma grande referência cultural que mostra o nosso orgulho pelos antepassados”.

Lutar pelo primeiro lugar até ao fim é o que prometem Marco Silva, Rosa Severino e Maria Santos, o coordenador, uma das mulheres da comissão organizadora e a participante mais antiga da Marcha de Marvila. Maria foi marchante durante 30 anos consecutivos, mas na verdade começou logo em 1980.

Acredita que, desde esse tempo, houve uma evolução notável. “Nós tentamos sempre inovar, e por isso somos um bairro a abater. Ou inovamos a sério ou não vale a pena. Mesmo que repitamos o tema, é sempre completamente diferente”. Rosa comenta: “eu não tenho peçoço, mas no dia das marchas tenho um peçoço gigante!”. “Tenho orgulho em ir lá mostrar-me”, acrescenta Maria.

O espírito vai sendo transmitido. Os mais novinhos também fazem tudo para participar na marcha. Maria diz não ter nada contra, já que um dia terá que se reformar. Mas contrapõe logo em seguida que só se afasta “quando andar de bengalas”.

Os jovens começam por aproximar-se das marchas “porque é giro, ou por causa dos namoricos, tal como acontecia antigamente. Mas depois gostam e ficam”.

Marvila já tem marcha infantil desde 2014, algo que começa logo a meter o bichinho marchante nas crianças, desde pequenas. Depois, mais tarde, querem passar à marcha sénior. Assistem aos ensaios dos adultos e querem transportar tudo para a deles. As meninas inspiram-se nas adultas para a pintura, o penteado, o decote, a saia curta que tem que ser mesmo curta...



Para o coordenador, e presidente da Sociedade Musical Três de Agosto de 1885, o grande trunfo são os marchantes. “São muito fortes. Não é qualquer um que entra na marcha, todos os anos fazemos castings para escolher. Na verdade, podíamos fazer duas marchas”.

Embora só possam ter uma, este ano promete. Foram buscar um dos ensaiadores mais prestigiados, Paulo Jesus, e também mudaram os responsáveis pela coreografia e cenografia. Lara Afonso vai ser a madrinha, o que já acontece desde 2014. “É muito querida e tem um contacto muito fácil com o público”, afirmam os entrevistados.

Marvila investe na cenografia, na coreografia, no figurino, no cavalinho, na qualidade dos materiais. Os fatos não são de cetim, mas de organza. São feitos à medida e dados aos marchantes.

Maria, se os guardasse, já tinha 30. Por isso doa-os a associações de teatro, de cultura e espectáculo... “É demasiado dinheiro para deitar fora. E essas entidades vão dar valor a isso, vão fazer representações, brincadeiras...”.

No resto do ano a Sociedade Musical Três de Agosto de 1885, dirigida por Marco Silva, trabalha para uma freguesia onde falta apostar em espaços para a actividade física e desportiva para os jovens.

A colectividade organiza caminhadas para as pessoas idosas, tem as modalidades de futebol de salão masculino e feminino infantil e sénior, zumba, organiza a participação em corridas oficiais como a do dia da mulher, a de São Silvestre



e participa nas Olissipiadas.

Marco salienta que esta é uma freguesia multicultural e multiétnica e pode tirar disso grandes dividendos, já que onde há mais diversidade há mais capacidade e qualidade.

Sócio há 58 anos

Tem 74 anos e “nasceu” com a Sociedade Musical três de Agosto de 1885, onde vai todos os dias desde miúdo. Na época da infância de Fernando Vieira o ringue era de terra batida, os marvilenses deliravam com os bailaricos e os miúdos passavam o tempo a jogar à bola.



O homem lúcido e enérgico é sócio há 58 anos. No clube desempenhou todos os cargos de direcção e executou todas as tarefas – pedreiro, carpinteiro, projectista – menos as de tesoureiro, que considera as mais perigosas. E nas marchas também fez o mesmo percurso abrangente.

Recorda que no seu tempo, ao contrário do que acontece hoje, para fazer qualquer coisa – como jogar às cartas – eram precisas duas pessoas, ou mais. Hoje as pessoas estão mais isoladas e parecem não precisar das colectividades. “As coisas que forneciam raízes estão a morrer. Não são incentivadas, acarinhas”.

Organizador das marchas durante 42 anos, comenta que os casamentos, muitas vezes, começavam aí. “E não se desfaziam. Era muito raro isso acontecer”.

No enorme edifício ao lado da colectividade, hoje vazio, “viviam centenas de famílias... Amontoadas umas sobre as outras, cada uma com seis a 11 filhos. E naqueles corredores vi-se de tudo, incluindo a vida íntima dos casais”.

E também um informador da PIDE, que fez mais de 500 queixas contra o barulho que saía da colectividade nos dias de festa. E ainda um homem de idade, que um dia saiu do edifício totalmente nu, sem qualquer roupa interior, com as peles a pender sob o corpo, aos gritos e a dizer palavras, porque a música estava muito alta... Outros tempos.

Organizada pela Sociedade Musical 3 de Agosto de 1885

Tema 2017: Marvila Desfolhada Pelo Tempo
Padrinhos: Lara Afonso e Chakall
Ensaiaador: Paulo Jesus



“Toda a gente queria marchar a sério”

“Não é difícil pensar numa marcha dos mercados. Basta recordar, por exemplo, que neles sempre se festejaram os santos populares”.



Luísa Carvalho, presidente da Associação dos Mercados de Lisboa e coordenadora da marcha dos mercados, lembra-se perfeitamente do tempo em que essa marcha não existia. Mas já havia, no passado, o concurso da rainha dos mercados, e a corrida dos ofícios.

Eram, também, homenagens às figuras que caracterizavam a cultura popular da cidade e o seu quotidiano de trabalho. E no tempo em que a festividade mais emblemática de Lisboa acontecia no pavilhão Carlos Lopes, também aí os comerciantes desfilavam, como se tivessem a sua própria marcha. Mas não era suficiente.

Nos mercados, toda a gente queria mesmo marchar a sério na Avenida da Liberdade... Com o tempo, os comerciantes começaram também a desfilar nalguns eventos. Em Benfica, em Campo de Ourique, na Ribeira, em jantares com o então autarca lisboeta João Soares. E a fazer as suas diligências e reuniões com responsáveis públicos, a preparar o caminho.

Em 2005, já com Santana Lopes à frente da Câmara, a autarquia foi sensível à importância e valor dos mercados. “Queríamos que se falasse de nós, que não deixassem os mercados morrer!”. Nesse ano, “sem saber nada de marchas, com um ensaiador magnifi-

Organizada pela Associação dos Comerciantes nos Mercados de Lisboa

Tema 2017: Da Rua Para os Mercados
Padrinhos: Marta Cruz e Eduardo Ferreira
Ensaiaadora: Vera Gromicho



Da rua para os mercados

Este ano, o tema da marcha dos mercados chama-se “da rua para os mercados”.

Luísa Carvalho, presidente da Associação dos Mercados de Lisboa e coordenadora da sua marcha, recorda que antes havia os vendedores ambulantes, a correr com as suas alcofas, ou as padiolas, levadas pelos animais de carga. A evolução daí até hoje é a inspiração do tema deste ano, “da rua para os mercados”.

A letra e música, que o Olhares de Lisboa ouviu em primeira mão, são de Toy e fazem todo o sentido no que toca ao tema escolhido. Luísa explica que basta dizer ao cantor as quatro ou cinco palavras do tema, e a canção nasce espontânea e naturalmente.

É bom que isso aconteça: Esta marcha, cuja única diferença é não concorrer, adapta-se à evolução, e a sua responsável sublinha que actualmente há um grande rigor nos desfiles e no concurso.

“Não há tanto bairrismo mas há muito profissionalismo e muito glamour, e alguma influência do Carnaval brasileiro. A diferença em relação aos finais do século XX é gigantesca. Antes havia apenas uns bocados de cetim a brilhar, e mais nada”.

Com acesso à informação e a tudo o que se passa, como as outras marchas, a coordenadora fica surpreendida com algumas situações. “Às vezes há fatos que deixam muito a desejar, até na confecção. Trabalhei numa escola de moda, sei do que falo. Nem sempre as classificações são muito claras, mesmo descontando as grandes rivalidades entre marchas”.

Também considera que qualquer marcha que queira fazer tudo de novo anualmente, sem reciclar nada, nunca conseguirá levar a cabo o espectáculo com os 27 mil euros fornecidos pela autarquia.

co, um bailarino – mas que não tinha nada a ver com marchas”, começou oficialmente o espectáculo.

“Tivemos que nos confrontar com o regulamento, com as marcações, com uma série de coisas novas, mas conseguimos!”. Tomaram-lhe o gosto e continuaram por aí fora, ao longo dos anos.

Hoje, estes marchantes que não vão a concurso já não são os de 2005. “Aprimorámo-nos, já nos equipáramos um pouco mais com as marchas concorrentes. O júri diz que podíamos perfeitamente ir a concurso, que não envergonhávos ninguém. Mas o nosso objectivo não é ir a concurso”.

Foram introduzindo sucessivas novidades. Por exemplo, oferecer sardinhas, pão e pimentos na Avenida. Ou flores. Tudo o que tenha a ver com as marchas e os seus temas. Ou então uns invólucros de rebuçados, contendo tomates cherry, acompanhados pela frase “Se tem tomates aplauda a marcha dos mercados”. Ou manjericos, alfices para dispôr (plantar), porta-chaves com sardinhas em tecido.

No ano passado, o padrinho foi Tó Romano, envolvido no projecto “Vamos Florir Portugal”. Foram oferecidos saquinhos de sementes, para que toda a gente pudesse fazer florir Lisboa.

A Lisboa dos mercados tem razões para sorrir. Há um mês, foi apresentado o novo plano dos mercados, com a reabertura do Mercado de Arroios e o lançamento da marca Mercados de Lisboa.

Sendo esta uma competência das Juntas de Freguesia, há agora também uma vontade da câmara de olhar para os mercados, ouvir quem neles trabalha.

Houve um desafio de António Costa, antes de ir para o Governo, e a associação aceitou. Tratava-se de renovar o Mercado da Picheleira, agora denominado Mercado Alfacinha.

Este e os outros mercados estão a mudar, e a tornar-se mais apetecíveis para quem neles trabalha e os visita. Em Arroios, por exemplo, há agora uma feira mensal de artesanato e produtos tradicionais qualificados, com abertura do mercado desde o seu horário normal até às 19H00.



“Criticism-nos por quebrar a tradição e por mantê-la”

“Aqui na Mouraria a marcha é uma coisa que passa do pai para o filho, deste para a geração seguinte e para os netos”.



Nos tempos agitados do pós-25 de Abril, uma noite os militares do COPCON foram falar com o histórico fadista Fernando Maurício, ao Grupo Desportivo da Mouraria, por causa de uma denúncia sobre uma sessão de jogo, alegadamente ilegal. A História respira-se na sede, no Palácio dos Távora, onde existe uma Escola de Fado, para manter viva a tradição.

Mas Pedro Santos, presidente da colectividade, e Carla Correia, coordenadora da marcha popular da Mouraria, que o clube organiza desde 1936, acreditam, e muito, na inovação. O presidente considera

que a grande mudança nesta celebração popular, nos últimos anos, é a elevação da qualidade.

Todas as marchas já se batem para chegar o mais longe possível, desde as mais simbólicas até à totalidade das concorrentes. Mesmo assim, sobre a ideia de alargar o número de bairros a concurso “não sabemos se foi melhor ou pior. Marchas como a do Parque das Nações desvirtuam um pouco a tradição. Marchas como a do Bairro da Boavista ou da Baixa não têm onde ir buscar tradições. Aqui na Mouraria é uma coisa que passa do pai para o filho, deste para a geração seguinte e para os netos...”

Pedro Santos lembra-se que há umas boas décadas, quando era miúdo e ia para Castelo Branco com a família, ali se ouvia a música das marchas... Da Mouraria, pois claro.

Antiguidade, tradição e continuidade são os trunfos. Que se exprimem, por exemplo, na presença dos ensaiadores Bruno Barros e Sofia Galvão. Quem está à frente da marcha tem o desejo de que esta se mantenha sempre, pelo menos, no Top Cinco. Hugo Barros é o cenógrafo e figurinista, o arranjo das músicas e a letra são de Fávio Gil com arranjos musicais de Carlos Dionísio. Vanessa Silva e FF são os padrinhos.

“Gostamos de ir mudando, e ir colocando quem está na actualidade”.

Pedro e Carla comentam que cada aspecto das marchas tem um júri específico, preparado para avaliar cada componente técnica, “mas, se têm verdadeiramente competência para avaliar uma marcha, tenho dúvidas. Não sabem ao que vão. Têm na sua mão toda a informação disponível, mas não se baseiam nessa informação. Criticam-nos por quebrar a tradição, mas também por mantê-la...”

A Mouraria podia “evoluir ainda mais, trabalhar de uma forma diferente. Mas isso também depende do nosso orçamento. A marcha da Bela Flor, de Campolide, recebe 15 mil euros da Junta de Freguesia. A nossa é muito maior, e tem direito a cinco mil euros da Junta”.

A Mouraria “ficou em primeiro lugar em 1969 e 1981, e muitas vezes em segundo e terceiro. O Prémio da Galantaria era uma taça que estávamos sempre a ganhar”.

Neste novo século, em que as marchas e os bairros pouco têm a ver com o que eram, o que Pedro Santos mais critica é a desertificação da Mouraria. Há falta de jovens, e logo, de praticantes de modalidades desportivas.

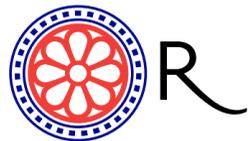


O clube tem atletismo e luta olímpica (ou greco-romana), uma orgulhosa escola de fado, uma presença determinantes nas marchas e arraiais, ténis de mesa, snooker e um poli-desportivo aberto à população.

No ano passado, foram vice-campeões nacionais de luta olímpica. Os desportistas “saíram daqui para o Benfica e o Sporting. Actualmente, o desporto está muito focado só no futebol, e não temos uma equipa federada. Mas vamos ter uma parceria com a Junta de Freguesia de Santa Maria Maior e criar uma escola de futsal”.

APOIO

JUNTA DE FREGUESIA
STA. MARIA MAIOR



Organizada pelo Grupo Desportivo da Mouraria
Tema 2017: Mouraria, Engalanada de Azulejo e Filigrana
Padrinhos: Vanessa Silva e FF
Ensiadores: Bruno Barros e Sofia Silva



“Saimos sempre de cabeça erguida”

Em 2018 vai haver “alterações importantes no regulamento, sobretudo o facto de vir dar oportunidades a mais bairros da cidade”.

“A população dos Olivais é muito activa no apoio à sua marcha”, garante o presidente do Grupo de Pesca e Desporto de Santa Maria dos Olivais (GPD-SMO), Carlos Santos. A colectividade organizadora faz sempre um treino de porta aberta pouco tempo antes do desfile no Meo Arena, “e a adesão é muito grande”.

A claqué da marcha tem muitos participantes, e toda a gente quer saber o tema, o figurino, quem vai estar lá... A relação com a Junta de Freguesia é igualmente positiva, e a autarquia “apoia imenso”.

O tema deste ano andar à volta da vida dos anos 1950 e 1960. Na época, era tradicional saltar a fogueira nas festas de Lisboa, e havia também praxes populares, que “vão ser recordadas este ano”.

Em 2016 “estivemos razoavelmente bem, no décimo lugar. Nos dois anos anteriores também. Mas é difícil entrar no sexto ou sétimo lugar, onde estão os bairros mais populares e castiços”.

Alfama, Mouraria, Madragoa, Castelo ou Bica, por exemplo, não são fáceis de derrotar, afirma. “Mas como saímos de cabeça erguida e com a noção de ter realizado um bom trabalho, sentimo-nos realizados”.

Olivais aceita o julgamento dos júris, compreendendo que “avaliam marcha a marcha”.

O regulamento, esclarece, não muda “há 15 ou 20 anos”. Em 2018 vai ter alterações que considera importantes, “sobretudo o facto de vir dar oportunidades a mais bairros da cidade”, o que acredita ser mais saudável.

Se há quem defenda que os bairros mais históricos e tradicionais nunca tenham que ir a concurso, Carlos



não concorda. Se isso acontecesse, “corria-se o risco de se acomodarem, porque já estaria garantida a sua entrada sem terem que se esforçar”. Todos têm que “mostrar investimento e trabalho. De contrário, o espectáculo perderia a qualidade e não faria sentido”.

Carlos gosta de ir alterando a equipa técnica da marcha com intervalos de dois ou três anos, para que estejam sempre a chegar ideias novas. Os coreógrafos deste ano são o Tinita e a Alexandra, que foram júris no programa televisivo Dança Comigo.

A madrinha continua a ser Diamantina Rodrigues. Uma mulher “bonita, que tem tudo a ver com a roupa escolhida para este ano. Além disso é alegre, sociável, de bom trato e com um comportamento perfeito na Avenida. Não mostra quaisquer pretensões”.

Carlos sublinha que nunca pagou a padrinhos, embora alguns, no passado, tenham pedido que o fizesse. Dos padrinhos dos Olivais fez parte, por exemplo, António Calvário, durante dez anos. O presidente do GPDSMO não lhe poupa elogios: “Espectacular. Acessível, educado, com uma excelente maneira de estar”.

Se o Grupo de Pesca e Desporto de Santa Maria dos Olivais, responsável pela sua marcha, foi fundado em 2001, já antes existia uma colectividade semelhante, e que contribuiu para a sua origem: Os Intocáveis, que tinham na altura 40 anos de vida.

A colectividade foi retirada da sua sede pela administração do condomínio, sem que a Câmara, respon-

sável pelo edifício, o impedisse, e acabou por fechar.

O GPDSMO nasceu em 1996 como um clube “sevagem”, que se reunia no café, combinava umas pescarias, uns almoços e umas brincadeiras entre amigos.

Em 2001 foi legalizado mas prosseguiu o seu trabalho durante dez anos sem sede oficial. Funcionava numa carrinha, com uma secretária no interior, a partir da qual era organizada a marcha dos Olivais.

Mesmo assim, esta ficou em primeiro lugar em 2005... Depois, com muito esforço e sacrifício, conseguiram uma sede. Mas não tinha tecto, água, luz ou esgotos.

Com as suas mãos, com muita poupança e organizando actividades para angariar fundos, os sócios montaram e construíram tudo, desde a estaca zero.



Organizada pelo Grupo de Pesca e Desporto Santa Maria dos Olivais
Tema 2017: Uma Alcachofra em Flor... Na Esperança de um Amor
Padrinhos: Diamantina e Sérgio Rossi
Ensiadores: Alexandra Cunha e Armando Tinita

“Eu... Não sei viver sem isto!”

“Comecei a marchar em 1980, e continuei sempre, até 2002. Só parei duas vezes, quando estive grávida”, revela Carla Correia, coordenadora da marcha da Mouraria.

Foi marchante, porta-estandarte, suplente, e, desde 2010, responsável pelas marchas. “É muito cansativo e muito gratificante. Estou sempre a dizer que não volto, e volto sempre. Tenho dois filhos e duas filhas, que já foram mascotes, marchantes suplentes e porta-estandarte. E duas netas que também já estão envolvidas”.

Gosta muito de marchar... “Mas ainda gostei mais de ser porta-estandarte. Foi muito compensador. Ia com uma coisa especial nas mãos, uma coisa valiosa. Este ano é a minha irmã que quer ser porta-estandarte”.

No dia em que os marchantes entram no autocarro para ir para a Avenida, “é a loucura no bairro. Não se consegue passar na rua. Eu... Não sei viver sem isto. Moro aqui há 50 anos e estou nisto desde que nasci. Tal com os meus filhos, a minha irmã, a minha mãe, o meu cunhado”.

“O que nos move é o espectáculo”

“O que nos preocupa não é ganhar as marchas, mas ocupar os jovens da freguesia”.

O objectivo da marcha é “dinamizar o bairro e levar alegria aos seus habitantes”, afirmam Paulo Lemos, tesoureiro do Sporting Clube de Penha e coordenador da marcha do bairro, e Hugo Marques, da Comissão Organizadora.

É por isso mesmo que se aplicam em fazer um trabalho inovador, e, reconhecem, nos últimos quatro anos conseguiram melhorar bastante a qualidade do espectáculo. Com tanto sucesso que, a meio de Fevereiro, estavam já 40 mulheres inscritas para participar, levando à necessidade de uma selecção.

Paulo e Hugo sublinham: “A equipa da nossa marcha está a trabalhar exclusivamente para nós, o que nem sempre acontece nas marchas”. É claro que a Penha de França quer vencer, embora não seja essa a prioridade número um... O que os move mesmo é fazer um espectáculo vivo e aliciante.

“Já em 1992, fizemos uma marcha a apontar para o ano 2000, para o futuro. Para o espectáculo. Disse-ram que éramos loucos. Ficámos em quarto lugar”.

Arcos com rodas, luzes fluorescentes... Só alguns exemplos da vontade permanente de inovar que se tem sentido sempre nesta marcha. Se o regulamento não proíbe, porque não fazê-lo? Começaram também a levar mais músicos, a pedir mais extensão de bancadas na avenida...

Nesta ânsia inovadora e lúdica, as críticas não os demovem. O duo directivo salienta que fazer uma marcha para encantar o público, com os 27 mil euros que a Câmara de Lisboa fornece, “é uma loucura. Até porque a própria autarquia também exige um grande espectáculo”.



Se no ano passado ficaram em segundo por uma unha negra, a Penha nunca tem estado abaixo do meio da tabela. Quanto aos padrinhos, Sílvia Rizzo e João Catarré, são figuras habituais e consensuais nesta marcha. Sabem que o centro de tudo é a marcha, estão lá para destacá-la, e não para a ofuscar – e assim tem sido.

Para os dois responsáveis, não deve ser só a capacidade financeira a influenciar as marchas, que afirmam estar, tecnicamente, cada vez mais profissionalizadas.

Deixa-lhes alguma reservas o facto de haver alguns profissionais que trabalham na preparação de três ou quatro marchas diferentes, fazendo com que esta actividade cultural esteja nas mãos de meia dúzia de especialistas. Ter a marcha preparada por pessoas que também estão a trabalhar noutras “causa problemas para nós e para eles”.

Paulo e Hugo acreditam, por outro lado, que ainda se olha com preconceito para as marchas, tal como acontecia com o teatro de revista. E consideram que as marchas estão subaproveitadas: “Porque não mostrá-las fora daqui, e não apenas em Lisboa?”.

Nesta e noutras colectividades, as marchas são aquilo que traz mais vida ao movimento associativo.

Os tempos mudaram e não é fácil manter um clube de pé e com adesão, já que hoje existem muitas outras alternativas. Paulo Lemos acrescenta que a freguesia está envelhecida, mas a decadência das colectividades pode ser contrariada.

As Juntas de Freguesia têm uma profusão de actividades culturais e de tempos livres, e falta de espaço para elas. As colectividades podem fornecê-los.

É verdade que vão longe e não voltam os tempos em que o Sporting da Penha estava na primeira divisão de futebol de salão, mas este e outros clubes ainda podem ter um papel positivo e importante na cidade.

Tempos novos

O Sporting Clube de Penha está, actualmente, concentrado em coordenar a sua marcha popular, mas nem sempre foi assim: Paulo Lemos, tesoureiro do clube e coordenador da marcha do bairro, e Hugo Marques, da Comissão Organizadora, sublinham que o ponto alto da colectividade aconteceu nos anos 1980 e 1990, quando ganharam prémios culturais e se destacaram no desporto.

Quando alguém chegava às instalações a meio do serão, já lá estavam mais de 70 pessoas a conviver. Actualmente têm uma concorrência variada que também passa, por exemplo, pelo facto de haver muitas escolas de futebol, algumas de grande dimensão.

“As dos grandes clubes apanham os miúdos todos”, explicam. Os pais preferem pagar por esse serviço, e também confiam no desporto escolar, que, hoje, “está num patamar superior”.

O SCP tem uma boa relação com a população e com a Junta de Freguesia, que os apoia frequentemente, fornecendo espaço de ensaio e transportes aos seus marchantes.



Organizada pelo Sporting Clube da Penha
Tema 2017: Enamorada num Jardim de Lisboa
Padrinhos: Sílvia Rizzo e João Catarré
Ensaiaadores: José Carlos Mascarenhas e Maria João Barros

“Participamos com dignidade sem sofrer de campeonite”

O Operário Futebol Clube tem tomado “todas as iniciativas fundamentais para aproximar a população das marchas”.

Nem sempre organizámos a marcha de Santa Engrácia. Agarrámos nela em 2013 a pedido da Junta de Freguesia, e por impossibilidade do clube que a fazia”, recordam Carlos Perdiz, presidente do Operário Futebol Clube de Lisboa (OFCL) e coordenador da marcha, e Vergílio Teixeira, Vice-Presidente do clube e membro da comissão organizadora da marcha.

Uma missão que dá um enorme trabalho, que “não é reconhecido posteriormente”. É uma marcha nova, não é um bairro histórico e tudo isso torna mais difícil o envolvimento da população. Mas o OFCL tem tomado “todas as iniciativas fundamentais para aproximar mais a população das marchas. Mais de 50 por cento dos marchantes são desta freguesia, embora também haja alguns da Graça, São Vicente e Alto do Pina. Gos-taríamos que 100 por cento dos participantes fossem daqui, para criar um espírito de bairrismo”.

Se falta isso, há também a ausência de apoios do comércio, talvez porque grande parte dos comerciantes não são da freguesia. “A câmara municipal dá um apoio de 27 mil euros, e a Junta de Freguesia três mil euros, mas no final da marcha estamos a pôr dinheiro nosso”.

Há as deslocações e algumas refeições dos marchantes, o preço do aluguer de pavilhões para ensaios, os fatos, os arcos, o cavaleiro e ensaiador ultrapassam, por vezes vezes, o orçamento.

“Se nos fixarmos na verba que é fornecida, o júri vai desvalorizar a cenografia e a coreografia, porque exige que seja tudo perfeito”. Há três ou quatro marchas que, face à história que têm, “fazem um grande espectáculo e gastam muito mais do que a verba que é atribuída às marchas. Têm que gastar muito mais. Por isso, em certas marchas nem se nota. Aqui na nossa, meio erro torna-se logo evidente”.

O espectáculo que as marchas de Lisboa dão “deve-se muito a um homem que alterou completamen-

te a apresentação e a forma de desfilar, Carlos Mendonça. E também a todos os que quiseram alcançar o seu nível, embora não consigam superá-lo”. O seu trabalho “estimulou marchas que não chegavam a lado nenhum e que, com ele, ganharam”.

Para Carlos Perdiz, as marchas não são uma questão de dinheiro, mas de filosofia. “Queremos participar bem, com dignidade, mas sem sofrermos de campeonite: um dia, poderemos ser os últimos, mas ficarmos em primeiro é difícil”.

O responsável salienta que Lisboa vende as marchas aos estrangeiros dentro do pacote global do turismo e Santa Engrácia não é uma marcha com grande tradição.

Mesmo com todos estes problemas reais, o OFCL também tem vantagens... Com um lindo campo em relvado sintético, a principal modalidade do Operário é o futebol.

A colectividade tem uma equipa por escalão, dos infantis aos séniores, mas os iniciados têm duas.

O OFCL oferece também ténis de mesa, cicloturismo, columbofilia e campismo. Carlos Perdiz comenta que não têm um pavilhão, e isso seria uma forma de chamar e agregar a população, podendo assim ter ginástica de manutenção e outras actividades, como por exemplo zumba.

As Juntas de Freguesia, sublinha, não foram feitas para organizar actividades desportivas mas sim para apoiar os clubes que o fazem.



Um indesejado comboio de três mil euros



Um indesejado comboio de três mil euros

Quando a CP comemorou o 150º aniversário da primeira viagem do rei D. Luís ao Carregado, em 2009, Carlos Perdiz, presidente do Operário Futebol Clube de Lisboa, mostrou à CP o comboio de sete metros, de dois mil euros, que usaram numa das marchas de Santa Engrácia.

A resposta foi muda: “Zero apoio, zero interesse. Desvalorizaram totalmente. Podiam fazer uma exposição, acolher uma actuação da marcha, aqui ou no Porto... O pessoal ia todo de comboio. Mas não, nada”.

Será uma espécie de maldição, contra a qual lutam, junto com a ausência de apoios não autárquicos? “Em outros bairros todos os comerciantes apoiam a marcha. Nós, aqui, gastamos imenso dinheiro nas roupas. Mas porquê, se alguns vencem o concurso com fatos completamente básicos?”.

Acrescenta que, quando actuam as marchas favoritas, os júris estão todos na sala. Mas quando é a vez de outras como Santa Engrácia, não é isso que acontece. Além disso, todos os anos “damos ideias para melhorar o regulamento, mas não são ouvidas. Passam completamente despercebidas, de ano para ano”.

Organizada pelo Operário Futebol Clube de Lisboa

Tema 2017: Santa Engrácia na Era Medieval
Padrinhos: Isabel Figueira e Flávio Furtado
Ensaiaador: José Taveira



“São Vicente aposta na continuidade e no apoio do bairro”

“O regulamento actual das marchas está juridicamente mal escrito. Em determinadas normas gera diferentes interpretações”.

“Estou na marcha há 22 anos”, diz Bruno Santos, que está à frente da de São Vicente, além de presidir à Academia Recreativa Leais Amigos (ARLA). “Este é um dos maiores eventos culturais de Lisboa, tem um enorme peso nas festas da cidade e capta mais público ano após ano”.

pretado da forma desejada pelo júri, mas podia ter corrido mal.

Este ano a madrinha vai ser, de novo, Melânia Gomes. “Uma grande madrinha. Simples, acessível, muito próxima de nós. Não se limita a ir à frente da marcha”. A letra é de Tiago Torres da Silva, e a mú-



Em São Vicente a marcha “é uma questão de identidade, uma instituição”. Para 2017 ainda é muito cedo para dizer como vai ser, mas a identidade e a tradição vão conjugar-se com a inovação. 2016 foi um ano um pouco difícil “porque levámos um tema arrojado, a homenagem ao Rafael Bordalo Pinheiro. Queríamos retratar plenamente a sua identidade e história, e os homens foram, por isso, vestidos de Zé Povinho. É uma figura pobre, escura. Daí a dificuldade em usá-la”. O arrojo foi inter-

sica de Gimba. Os ensaiadores são António Barata e Sofia Pereira. O projeto e figurino são de Fernando Santos, a cenografia imaginada por ele e criada por Hélder Silva.

O regulamento actual das marchas está, para Bruno Santos, juridicamente mal escrito. “Em determinadas normas gera diferentes interpretações, e a letra da lei deve ter só uma interpretação. Além disso é omissivo em determinadas circunstâncias, pelo que se torna difícil de fazer cumprir”.

Uma homenagem especial num ano difícil

São Vicente vê em 2017 um ano especial, revela Bruno Santos, presidente da Academia Recreativa dos Leais Amigos (ARLA), responsável pela marcha.

Foi há 20 anos que morreu a ensaiadora Luísa Rafael, que desempenhou essa missão de 1994 a 1997. Uma mulher destacada no teatro, na freguesia e no bairro.

Em 1996 e 1997 conseguiu que a marcha ficasse em segundo lugar. “Fez muito por São Vicente. Tenho a forte convicção de que, se não tivesse morrido num acidente de automóvel a 20 de Julho de 1997, já teríamos ganho o concurso, com ela à frente”.

Este ano, o trabalho está mais difícil. O novo senhoria quer que a ARLA saia das instalações, e a actual lei do arrendamento deixa pouca margem de manobra à colectividade.

Foi identificado um novo espaço que poderia ser arrendado e servir esse objectivo, e Bruno pediu à Junta de Freguesia que intercedesse junto da Câmara Municipal para que isso fosse possível.



Em 2018 o novo regulamento terá algumas alterações “sugeridas por nós”. Mesmo assim, “devia haver uma reunião só das marchas, onde pudéssemos olhar o regulamento, pensar nas alterações e fazer uma proposta global e unânime, em vez de haver apenas contributos individuais de cada uma das marchas”.

Preocupa-o a rotatividade dos elementos do júri. “Um júri, num determinado ano, emite um relatório com sugestões. Nós seguimo-las. No ano seguinte, o júri é outro e tem opiniões diferentes. Se calhar, os júris deviam manter-se, por exemplo, por três anos”...

A marcha de São Vicente “toca com os instrumentos com que a deixam tocar, ou seja, “com base nos apoios que recebe da Câmara de Lisboa e da Junta de Freguesia. A isso acrescentam-se mais algumas receitas, mas que, ao contrário dessas, são voláteis. Por exemplo a venda de T-Shirts, bonés, cachecóis, a realização de eventos”... Bruno não tem opinião sobre os custos da marcha, porque “não há nenhum outro evento com o qual possam ser comparadas”.

Preocupado com o futuro da ARLA, sublinha que muita coisa mudou. “Quando era miúdo passava a vida nas colectividades e estavam sempre cheias. Havia dois canais de televisão, não havia Internet, nem máquinas de café em casa. Hoje temos 300 canais em casa, vídeo clube em casa, consolas, net, telemóveis. Nessa época, a rede social era a coletividade. Era lá que se faziam os gostos e as partilhas. Lá e na rua”.

Mesmo assim, as marchas estão vivas, bem como as sessões de fado, almoços de convívio, eventos de Karaoke ou torneios de cartas.

O bairro do verdadeiro padroeiro

D. Afonso Henriques assim o determinou. “O verdadeiro padroeiro de Lisboa é São Vicente”, esclarece Bruno Santos, presidente da Academia Recreativa dos Leais Amigos e coordenador da marcha de São Vicente. “O símbolo da cidade, uma barca com dois corvos, tem a ver com isso. O corpo de São Vicente foi trasladado do Algarve para Lisboa. Diz a lenda que dois corvos acompanharam a viagem até à capital”. Assim, Santo António “não é o padroeiro de Lisboa, mas sim das festas de Lisboa”.

Séculos depois, a população que agora ocupa o bairro com o nome deste santo assemelha-se com a de outras zonas históricas.

“Houve muitas saídas. Os que ficaram são gente humilde, trabalhadora e com algumas carências. Pessoas sem grandes possibilidades e muito ligadas ao bairro”.

Organizada pela Academia Recreativa Leais Amigos

Tema 2017: Toca a Marchar Cavalinho
Padrinhos: Melânia Gomes e Jorge Mourato
Ensaiaadores: António Barata e Sofia Pereira

Marcha Infantil da Voz do Operário cria marchantes do futuro

Aos 29 anos, a Marcha Infantil da Voz do Operário apresenta 93 crianças. Vítor Agostinho, responsável pelo desfile, admite ser difícil coordenar tanta garotada mas orgulha-se de, entre marchantes adultos, descortinar quem começou ali a “ganhar o bichinho”.



Vítor Agostinho salienta que este é um projeto que dá a conhecer às crianças “as tradições da cidade e o nosso folclore”.

“Queremos que as crianças conheçam as tradições da cidade e o nosso folclore. Queremos que ganhem gosto pelas marchas, independentemente do percurso que façam depois”, acrescenta.

A Sociedade de Instrução e Beneficência A Voz do Operário é a casa da marcha da Voz do Operário. Como coletividade conta com uma programação mensal regular mas, a partir de agora, vai haver algumas surpresas, segundo Vítor Agostinho.

“Vamos ter um livro sobre os 30 anos da marcha infantil, com todos os figurinos, arcos e comissões respetivas”, revela.

Em Outubro, a música é outra e, em papel, surgirá uma revista sobre o fado.

Já para 2018, para a comemoração dos 135 anos da Sociedade, Vítor Agostinho revela que haverá “um livro com toda a história da Voz do Operário.”



Muitas das crianças que passam pela marcha “queremos um dia que não vem no calendário e ser felizes na Voz do Operário” ganham aquele “bichinho” ali e continuam.

“Tem sido interessante olharmos para marchas de adultos e vemos que estão lá pessoas que também estiveram aqui”, comenta, com um certo orgulho.

Corria o ano de 1988, quando o Vereador do Turismo, da Câmara Municipal de Lisboa, ao visitar a Sociedade de Instrução e Beneficência A Voz do Operário, lançou o desafio de criar uma marcha só de crianças para descer a Avenida de Liberdade. O projecto concretizou-se logo nesse ano, e, desde então, essa Marcha Infantil tem aberto sempre os desfiles.

A Sociedade Voz do Operário tem uma história curiosa.

No último quarteto do séc. XIX, a indústria tabaqueira florescia em Portugal, com dezenas de fábricas que chegaram a empregar cinco mil operários. Mas, apesar da produção, o consumo era baixo. Em 1879, estala a crise, com inúmeros despedimentos. Os que continuavam a trabalhar enfrentavam também vidas difíceis.

A imprensa de então preocupava-se pouco com este panorama humano e, quando um jornal rejei-

tou uma notícia sobre as suas condições de vida, os trabalhadores das tabaqueiras decidiram criar o seu próprio jornal. Para garantir a publicação do periódico, foi criada, em 1883, a Sociedade Cooperativa Voz do Operário.

Tentando combater o analfabetismo, a Cooperativa abriu, em Outubro de 1883, a sua primeira escola. Hoje, conta com vários espaços educativos, da Graça ao Laranjeiro, frequentados por cerca de mil crianças e jovens, da creche ao 6º ano.

É dessas escolas que vêm os participantes na Marcha Infantil mas outros vêm de fora, registando-se um aumento de inscrições.

“As outras marchas têm 48 marchantes e um par de suplentes. Nós, aqui, não temos disso. Este ano temos 93 crianças, e todos têm que sair dali a sentir que fazem falta”, defende o responsável.

Para 2017, Vítor Agostinho diz não ter “trunfos” porque o importante é que as “crianças se divirtam e se sintam bem”.

E, aqui, sublinha, também não há bairrismos porque a marcha infantil “é um bocadinho de todas as outras”.

• Maria Miguel Marques

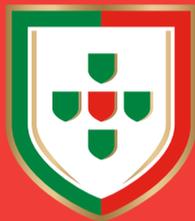


Organizada pela Sociedade de Instrução e Beneficência “A Voz do Operário”

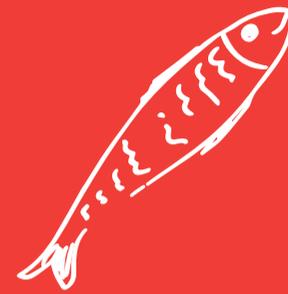
Tema 2017: Meninos e Meninas de Lisboa: Trinta anos a ensinar as tradições
Padrinhos: Miguel Costa e Beatriz Lourenço
Ensaiaadora: Sofia Cruz

Seja responsável. Beba com moderação.

DESDE



1940



A SAGRES QUER-SE COMO A SARDINHA

NESTES SANTOS NINGUÉM NOS PÁRA

